

ALVORADA

ALVORADA

“ALVORADA” estreou a 20 de agosto de 1921 apresentada pelo Grêmio Dramático Familiar, em sua sede, com músicas de Mozart Donizetti e Silva Novo e com o seguinte elenco:

CORONEL SERAPIÃO DO BOM SU- CESSO	Augusto Guabiraba
ANASTÁCIA, SUA MULHER	Alzira Peixoto
BILOCA, SUA FILHA	Djanira Coelho
CAPITÃO CORIOLANO PIMPIM JAMA- CURU	J. Nascimento
BALBINA, SUA AFILHADA	Zeny Valle
JOÃO BERNARDO MASSARANDUBA, MESTRE DA MÚSICA LOCAL	Eurico Pinto
SERAFINA, SUA FILHA	Aury Moura
PONCIANO BANDEIRA	Joaquim Santos
CANUTO MADRUGA	José Domingos
ANACLETO SAPIRINGA	Rodolfiano Carvalho
MANECO PIRES	José Pimenta
LUZIA, SUA MULHER	Zeny Valle
ZOROBABEL DO BOM SUCESSO ...	Alberto Menezes
GITIRANA	Inácio Ratts

A AÇÃO DESENVOLVE-SE NO INTERIOR DO ESTADO —
ATUALIDADE.

ALVORADA

Carlos Câmara, o já consagrado revistógrafo cearense, conquistou mais uma vitória, sábado último, com a primeira encenação no Grêmio Dramático Familiar, de sua esplêndida burleta "Alvorada", que teve muito feliz desempenho por parte de todos os amadores. "Alvorada" é uma peça de costumes sertanejos cuja ação se desenvolve no interior do Estado, em Riacho do Sangue (...) Augusto Guabiraba, encarnando o papel de coronel Serapião do Bom Sucesso, deu-nos um excelente chefe político do sertão e graças ao seu desempenho no papel esteve à altura dos aplausos que recebera. J. Nascimento, que foi o capitão Coriolano Pim Pim Jamaru da peça, teria estado melhor se não houvesse afetado tanto a pronúncia dos vocábulos: João Bernardo Massaranduba, mestre da música local, teve um admirável intérprete em Eurico Pinto. Este inteligente amador do Grêmio Dramático, incontestavelmente um dos seus mais poderosos baluartes, soube imprimir muito cunho de originalidade ao seu papel que desempenhou como inexcedível galhardia, arrancando fortes aplausos à platéia; Joaquim Santos, que fez Ponciano Bandeira um criminoso foragido da polícia, revelou-se um artista de mérito; José Domingos, em Canuto Madruga, esteve a contento geral. Os demais personagens que foram os amadores Rodolfiano Carvalho, José Pimenta, Alberto Menezes, Inácio Ratts, conduziram-se com notável desembaraço no palco: e as senhoritas Alzira Peixoto, Djanira Coelho, Aury Moura, interpretaram todos de maneira a receberem elogios os seus difíceis papéis. Efetivamente esta primeira representação da burleta "Alvorada" não poderia ter sido mais feliz e galhardo desempenho, e a Carlos Câmara e os distintos amadores do Grêmio não devem ser regateados aplausos. A orquestra, sob a regência do maestro Silva Novo, executou belíssimos números de música originais daquele apreciado compositor e do ilustre maestro conterrâneo Mozart Donizetti. Faz-se mister salientar a beleza dos cenários executados com esmero pelo hábil cenógrafo cearense Gérson Faria.

A Tribuna (20/08/1921)

PRIMEIRO ATO

A CENA PASSA-SE NO PÁTIO DA CASA DO CORONEL
SERAPIÃO, (A QUAL FICA A E. A.)

Cena I

Serapião, Biloca e Coriolano

BILOCA —

Dia de festa se anuncia,
Na nossa bela povoação,...
Há de reinar grande alegria
Com a chegada de meu irmão.

SERAPIÃO E CORIOLANO —

Dia de festa se anuncia
Na nossa bela povoação..
Há de reinar grande alegria
Com a chegada de seu irmão.

BILOCA —

Até que finalmente,
Meu irmão vou conhecer.
Já me sinto impaciente
De ao meu lado não o ver.
Vou ficar muito contente,
Vai ser grande o meu prazer...

SERAPIÃO E CORIOLANO —

Até que finalmente,
Seu irmão vai conhecer.
Já se sente impaciente
De ao seu lado não o ver.
Vai ficar muito contente,
Vai ser grande o seu prazer...

BILOCA —

Só ao pensar que se aproxima
Tão desejado, feliz momento,
Meu coração se reanima
De indifiniável contentamento...

- SERAPIÃO, BILOCA E CORIOLANO — (Repetem a quadra)
- SERAPIÃO — (Satisfeito) Apois é isso, cumpáde Cariolano, o Zorobabé ahi vem.
- BILOCA — (Alegre) E a sua chegada aqui, deve ser festejada ruidosamente. Não acha capitão Coriolano? Há dezenove anos ausente...
- CORIOLANO — Acho, inhora sim. Déve sê ua coisa nunca vista nesta rebêra do Riacho do Sangue. (1)
- SERAPIÃO — Eu conto c'o cumpadre p'r'animá os afestejos e arriuni o pessoá.
- BILOCA — Naturalmente. O papai é que não pode tomar a frente da manifestação. É suspeito.
- CORIOLANO — Apois pode contá c'o meu adjutóro, seu curuné. Eu cá, vamicê já sabe... Quano percisá do cabra véi, é só tocá na buzina.
- SERAPIÃO — (Radiante) O tal de manjô Chico Téle é qui vai ficá danado...
- BILOCA — Pois que se dane.
- CORIOLANO — Seu manjô Chico Téle há de arrecunhecê, pro força, o prestíjo de seu curuné Sarapião. Vasmicê tá debaixo, seu manjô Chico Téie tá de riba, mais porém cadê os inleitô dele?
- SERAPIÃO — Aquilo lá tem inleitô, cumpáde... As inleção qui ele faz é a bico de pena, trancado na casa da Cambra. Vóta mas defunto de qui gente viva.
- CORIOLANO — Home, nisso ele amostra inté sê finóro..., É o mió inleitorado. O meno os defuntos num potresta. (Mudando de entonação) Bom, meu cumpáde, eu vou chegando. Tou lá c'a muié doente...
- BILOCA — Doente? Não sabia.
- CORIOLANO — Faz amenhá ua sumana.
- BILOCA — Estava quasi o acompanhando, p'ra fazer-lhe uma visita.
- CORIOLANO — Apois vamo, menina.
- BILOCA — Papai dá licença?
- SERAPIÃO — Vai, home. Vai visitá a cumade Fredegunda.
- BILOCA — Então, um momento capitão, enquanto vou prevenir a mamãi. Volto já. (Entra em casa)
- SERAPIÃO — Tá contente c'a vorta do mano, cuma num sei qui diga. Chega anda se rindo.
- CORIOLANO — E tem toda rezão.
- SERAPIÃO — Mas quê qui tem a cumade Fredegunda, cumpade? É coisa qui a gente possa sabê?
- CORIOLANO — Ua izipra, cumpade. Ua izipra, bem aqui na batata da perna, lá nela. Num póde nem o meno se pô im pé. Chega tá lá inscornada.

(1) Atual Solonópole, municipio cearense.

BILOCA — (Entrando) Pronto. Vamos, capitão?

CORIOLANO — Vamo. Inté adispois, cumpade. Lembrança à cumade Nastça.

SERAPIÃO — Brigado, cumpade. Serão dada. (Coriolano e Biloca saem D. e Serapião dirige-se à casa trauteando a música há pouco cantada).

Cena II

Serapião e Canuto

CANUTO (Entrando da E. B.) — Parece estar satisfeito da vida hoje, hein, coronel?

SERAPIÃO — Pudera não, seu Madruga. Avalue o sinhô qui eu arrecebi ua carta de meu fio Zorobabé, qui tá no Rio Torocá, nos Almazona, e pulo qu'ele diz, déve chegá aqui dum momento p'ro outo.

CANUTO — Sim?

SERAPIÃO — É cuma le conto. E eu acho qu'ele vem é de muda.

CANUTO — É bem possível, coronel. O Amazonas é, hoje, um Estado em liquidação. A borracha já não estica, meu amigo; agora está é encolhendo. (Noutro tom) E há muito tempo que esse seu filho partiu para o extremo norte?

SERAPIÃO — Foi im 1906. Im ferrereiro. Já fez, pro conseguinte, dezanove ano.

CANUTO — Dezanove anos?

SERAPIÃO — Dezanove ano, inhô, sim. Eu já num me alembro mais das feição dele. Quando ele saiu daqui, era um garótím.

CANUTO — Um garrotinho? Então já deve estar um boi refeito.

SERAPIÃO — Carcule o sinho q'êle arribou cum doze ano.

CANUTO — Pois o senhor deixou-o embarcar nessa idade?

SERAPIÃO — Ele foi, foi fugido, seu Madruga. Era um menino munto do atentado. Só queria vivê cum malinação e eu tomem, quagi todo santo dia, tava cum ele no nó da peia. Duma feita, — disto eu mi arrescorde cuma se fosse hoje, — ele arrespondeu ua macreação pra mãe...

CANUTO — (À parte) — Virgula!

SERAPIÃO (Continuando) — E eu antonce, nesse dia, peguei ele de jeito e tome lenha, tome lenha, chega deixei ele bambo. No outro dia dismenhãsinha, qui eu ia prô currá, percurei o danado, e cadê ele?!... Tinha fugido. Butei a séla im riba dum animá e me atirei pur aí a fora atraz dele... e nem rastro Adispois dum tempão, foi qui vim a sabê qui ele tinha imbaicado pros Almazona n'ua leva de afragelado.

CANUTO — De modos que, si o coronel o visse hoje, era bem capaz de o não reconhecer.

SERAPIÃO — Arrecunhecia lá nada. Eu tenho inté um retratim dele. Nuzim im pêlo. Mais quano foi tirado, ele podia ter, no munto, dois anos. Foi um photógra qui andou aqui naqueles tempo.

CANUTO (Troçando) — Ah, foi um photógra?

SERAPIÃO — Foi, inhô sim. Cum a fugida do Zoró... O nome dele é Zorobabé, pruvia do padrim qui era o finado Zorobabé, mais porém nós chamava ele era Zoró. Mais cuma eu vinha dizendo, cum a fugida do Zoró, a mãe...

CANUTO — Virgula!

SERAPIÃO (Olha-o desconfiado e continua) — Coitada, ficou inconsolave. Antonce, deu-lhe ua morrhinha, e qui morrhinha foi essa, seu Madruga, qui num demorou quatro mês, tava na sipertura.

CANUTO — Ah, o senhor é viúvo?

SERAPIÃO — Sou inhô não. Eu sou casado.

CANUTO — Em segunda núpcias, então.

SERAPIÃO — Segunda o que, home?

CANUTO — Pela segunda vez.

SERAPIÃO — Sou, inhô sim. O Zoró fugiu, cuma eu já dixei, im ferreiro; a mãe...

CANUTO — Virgula!

SERAPIÃO (Zangado) — Qui dimonho de tanta virga é essa!?
(Continua a mãe isfaleceu im juízo, e im dezembro do mermo ano, eu já tava mais era imbiricicado de novo.

CANUTO (Rindo) — Estava vexado, hein?

SERAPIÃO — Foi ua cabeçada, seu Madruga. Mais ante eu tivesse morrido da peste.

CANUTO — O quê?

SERAPIÃO — Mais assucedeu quipur esse tempo foi assassinado meu mano Bernaldino, deixando ua fia moça, orfã de pai e mãe. Eu tava sozim...

CANUTO — Na zona?

SERAPIÃO — Inhô não, no mundo. Antonce arricuí ela p'ra dêem de casa, e, quando meno maginava... tibungo, tava casado. Eu mermo nem sei cuma foi aquilo.

CANUTO — É então casado com uma sobrinha?..... ..

SERAPIÃO — Pro disconto dos meus pecado.

CANUTO — E a sua prole, é grande?

SERAPIÃO — A minha prólia? (À parte) Qui dimonho será isto? (Alto) Num é munto pequena não, seu Madruga.

CANUTO — Quantos filhos tem, então? Eu só conheço dona Biloca.

SERAPIÃO — Ah... — fio macho, é só esse qui eu tou insperando do norte. Agora a segunda muié teve 8 fia, tudo feminina, mais tomém, quagi tudo alejada.

CANUTO — É o resultado dos tais casamentos de tios com sobrinhas, ou vice-versa.

SERAPIÃO — Era um horrô. Uas nascia sem braço, outras cum três perna. Uas cum coisa de meno, outras cum coisa de mais... qui só de me alembra, chega eu todo me arrupei. Felizmente, Deus Noss'inhô teve compaixão d'eu, e foi tirando, foi tirando... qui só deixou mermo a Biloca, qui graças a Deus, num saiu aléjada.

CANUTO — Antes pelo contrário... (Noutro tom) Mas, por que, razão disse o senhor que fôra uma cabeçada o seu segundo casamento?

SERAPIÃO — Ah, seu Madruga... É porque a Nastaça... (Balançando a cabeça) a Nastaça num é muié...

CANUTO — (Com espanto) — Não é mulher?

SERAPIÃO — É o que, seu Madruga... Aquilo é lá qualidade de muié. Aquilo é o dimonhe im fégura de gente. Me traz num aperrei dos seiscento. É um brigá sem fim. Vamicê vê, eu já viv'é arranhado, insfolado, amulegado, iseambichado...

Cena III

Serapião, Canuto e Nastaça

NASTAÇA (De dentro de casa) — Ou Serapião... (Serapião faz sinal de silêncio para Canuto) Serapião... Ou Serapião... (Aparece à porta)

SERAPIÃO — Lá vem ela, chega vem funegando...

NASTAÇA (Aproximando-se) — Você num ouve não, seu sen-deiro?

SERAPIÃO — Munto pouco, Nastaça.

NASTAÇA — Adonde é qui tu tava?

SERAPIÃO — Bem ali.

NASTAÇA — Ali, adonde?

SERAPIÃO — Bem ali. (Aponta com o lábio inferior)

NASTAÇA — E você é mouco, seu diabo? Ha meia hora qui eu m'isguélo.

SERAPIÃO — Eu num uvi não, Nastaça. Tava aqui intertido na cunvéisa... (Aponta para Canuto)

NASTAÇA (Depois de ageitar os óculos) (Baixo para Serapião) — Qui home é esse?

SERAPIÃO — É seu Madruga, Nastaça. Vêi do Ceará e tá trabaiando aqui no arçude.

CANUTO (Passando) — Canuto Madruga um seu admirador, minha senhora.

SERAPIÃO (Baixo a Canuto, catucando-o) — Num puxe munta cunvéisa, não, seu Madruga. Oi a dentada.

CANUTO (Baixo a Serapião) — E ela morde, hein

NASTAÇA (Zangada) — Qui cochico é esse, seu Serapião?...

CANUTO — Com licença. Eu me retiro. Não quero, de modo algum perturbar tão interessante cena de família... Coronel passar bem. Excelentíssima os meus respeitos. (À parte, saindo E.) Mas que torpêdo...

NASTAÇA (Depois de acompanhar Canuto com a vista) — Eu num quero vamicê se acamaradando cum esses tipo do Ceará qui andum pur aqui não, tá uvindo?

SERAPIÃO — Deixa de selmão, Nastaça. Já passou a quoesma.

NASTAÇA — Já passou a quoesma, hein? Já passou a quoesma..., (De mãos nos quadris) — Você quererá apanhá de novo, Serapião?

SERAPIÃO — Eu não.

NASTAÇA — Qué qui eu vá buscá o peia boio, hein? Diga Qué?

SERAPIÃO — Pércisa não, Nastaça. Brigado.

NASTAÇA (Arremedando-o) — Pércisa não, Nastaça. Brigado.

SERAPIÃO — Num me faça raiva hoje não, Nastaça, qui eu tomei um relaxante de piula de mato e posso quebrá o aresguardo.

NASTAÇA — Passa lá p'rá dento, drumente. Vai disbuiá feijão. (dirige-se para casa)

SERAPIÃO (Ameaçando-a, pelas costas) — Ah, matraca dos dianga...

NASTAÇA (Voltando-se e agarrando-o por um braço) — O qui foi qui você dixeu, hein? O qui foi qui você dixeu?

SERAPIÃO — Me deixa, Nastaça...

NASTAÇA — Arripita. Arripita, s'é home.

SERAPIÃO — Láiga a minha munhéca, Nastaça...

NASTAÇA — Matraca dos dianga, hein?

SERAPIÃO (À parte) — Ou muié de oiça fina... (Alto) Você ouviu mal, Nastaça. Eu dixeu foi que você me matrata cumo os dianga...

NASTAÇA (Soltando-o) — Matrata, hein? Eu bem sei quê qui eu devêra fazê cum você. Mais deixa f'istá, cachorro véio...

SERAPIÃO — Óia, muié, tu tomém tá me avacaiando munto... (Nastaça dirige-se para casa, Serapião ameaça-a com punho fechado. Nastaça volta-se e Serapião disfarça)

NASTAÇA — Passa p'ra dentro. (Serapião passa na frente e Nastaça o acompanha)

Cena IV

Biloca, Balbina e Canuto

CANUTO (Biloca e Balbina entram da D. e da E.) — (Aqueles em direção à casa)

CANUTO (Melifluo) — Então, dona Biloca... (Biloca para) Não respondeu minha cartinha...

BILOCA — Nada tinha a responder, senhor. Já não lhe disse, de viva voz, que não simpatizo nada com o senhor?

- CANUTO — Mas isto é uma inclemência, dona Biloca. É uma crueldade. A senhora não tem coração.
- BILOCA — Eu devia era mostrar a carta que o senhor me fez, ao papai e à mamãe.
- CANUTO — A sua mãe?... Não faça tal, dona Biloca. Peço-lhe. (Noutro tom) Olhe: há mais de duas horas que eu rondo por aqui, à sua procura...
- BILOCA (Batendo o pé) — Mas isto não póde continuar. Vive o senhor a perseguir-me, por toda parte. Não posso mais arredar o pé de casa.
- CANUTO — Dona Biloca... isto é o amor. É o amor que eu sinto a fochinar-me o peito de uma maneira desesperadora...
- BILOCA — Pois bata a outra porta, sabe ?
- CANUTO — Já há, então, inquilino no seu coração, dona Biloca?
- BILOCA — E se assim o fosse?
- CANUTO — Se assim o fosse, dona Biloca, eu acho que me suicidava...
- BILOCA — Pois suicide-se. (Vai a sair)
- CANUTO (Suplica) — Dona Biloca... (Biloca volta-se com um gesto de enfado) A senhora não pode avaliar o inferno que vai aqui por dentro...
- BILOCA (A parte) — Para o inferno devia eu mandá-lo.
- CANUTO — O meu amor, dona Biloca... o meu amor é tão grande é tão incomensurável, que...
- NASTAÇA (De dentro de casa) — Ou Biloca... (Canuto assusta-se)
- BILOCA — Minha mãe vem aí.
- CANUTO (Despedindo-se) — Passar bem, dona Biloca.
- BILOCA (Troçando) — Não. Espere um pouco. Entenda-se com ela.
- CANUTO — Não senhora. Muito obrigado. Depois eu apareço. (Saindo, à parte) Respeito muito a tal megera... (Sai e Biloca dirige-se à casa)

Cena V

Biloca, Balbina e Nastaça

- NASTAÇA (Aparecendo à porta) — Que qui tu tá fazendo aí Biloca?
- BILOCA — Nada, mamãe. Venho chegando, agora mesmo, da casa do Capitão Coriolano.
- NASTAÇA — (Descendo). A modos aqui eu uvi falatório aqui... (Vendo Balbina) Quem é essa obrinha? (Aponta para Balbina com os olhos)
- BILOCA — É afilhada do capitão Coriolano. Veio acompanhar-me.
- NASTAÇA — (Para Balbina) Vai p'ra dentro. Vai ajudá, teu pai, (Entram, passando Biloca na frente) (Balbina vai a sair e encontra-se com Bernardo).

Cena VI

Balbina, Bernardo e depois Serapião

BERNARDO — (Entrando da D. B.) Ai, Balbina... Meu bogari fulô de mangericão, dá cá cheiro, coração...

BALBINA — Crédo... O que é isto, Bernaldo? Inté parece um papagái. Apois tu num perde esses modo?

BERNARDO — Isso tudo é paixão, minha santa, (Suspirando ruidosamente) Ai...

BALBINA — O qui foi, Bernaldo?

BERNARDO — Um suspiro... Vai-te, desgraçado, sinão morres es-caldado, que o meu peito é um braseiro... Opa!

BALBINA — Ora vejum só... Um véuvo... Já maduro...

BERNARDO — E tu num sabe, meu amor, que fruita madura é que tem gosto e côco verde num dá leite...

BALBINA — Eu num quero negóço cum você não, viu? Você é munto do namoradô. (Dá-lhe as costas)

BERNARDO — Isso são intrigas da oposição, minha camondon-ga.

BALBINA — Você pensa... Eu já siube qui você namorava cum todo bicho careta...

BERNARDO — Deixe de ciúmes, Balbina... O único bicho careta qui eu adoro, és tu.

BALBINA — Te arrenego...

BERNARDO — Tu é qui há de seres minha segunda mulhé. Outra num e agôará o terreiro. Essas cabocas daqui vão ter uma inveja burra quando virem tu pelo meu braço. Olha, Assim, hein? (Passa)

BALBINA (Com um muxoxo) — Eu quero lá me casá cum véuvo... Sobejo de défunta... (Com uma careta de desdém) O di-monhe é quem qué.

BERNARDO — Ora, meu bem... Um viúvo é um homem como outro qualquer. Nem mais, nem menos. Que qui tem que eu seja viúvo, meu cartuxo de alfinim?

BALBINA — E adispois... pai de fio...

BERNARDO — Então tu queria que eu fosse mãe de filho, criatura?... (Noutro tom) Está se vendendo cara, hein mulata cheirosa?... (Bate-lhe no queixo)

BALBINA — Vadiação...

BERNARDO (Imitando-a) — Vadiação... (Mudando de entonação) Ai, Balbina... Quando eu me aproximo de tu, como que o sangue me ferve nas veias...

BALBINA — Tibes, gia...

BERNARDO — E eu fico com o peito a arder que só um pavio de lamparina, quando a gente o espevita... e se escuto a tua fala, ahí então... (Canta)

Fico nervoso, Balbina,
Se acaso escuto a tua fala...
Ai, dôce amor, tu nem imagina...
Com o teu desdém tu me apunhá-la...

BALBINA —

Deixa-te disso, Bernaldo,
Eu sei que és namorado...

BERNARDO —

Não creia em tal, minha Balbina,
anjo adorado,
Só tu és o meu amor...

BALBINA —

Se verdadeiro fosse o que me diz,
Eu seria feliz.

BERNARDO —

Oh, meu cherubim dos céos
Tu podes crer nesta afeição.
Por ti eu trago aos emboléos,
Dentro do peito o pobre coração...

(Serapião aparece com uma cuia de feijão, vendo-os, bota a cuia no chão e aproxima-se na ponta dos pés)

BALBINA —

Se verdadeiro fosse o que me diz,
Eu seria feliz.

SERAPIÃO (Surgindo no meio dos dois canta) —

Vejum lá este chodó,
Logo aqui no meu terreiro...

(Para Bernardo)

Vá s'imbora, qui é mió,
Deixa de sê lambanceiro...

BERNARDO —

Pois, tocando no instrumento,
Já me vou neste momento...

(Toca uma variação, no flautim com que entrou, sai E.)
(Balbina vai também a sair, passando)

Cena VII

Serapião, Balbina e depois Nastaça

SERAPIÃO — Ei... Venha cá... Me conte ua coisa... Qui chamêgo é esse... Vamicê aqui, toda derretida p'ro lado daquele discarado... Era baticum p'ra cá, baticum p'ra colá... Qui trapaiada é essa?...

BALBINA — Ele prometeu casamento...

SERAPIÃO — Hum... Ele prometeu casamento... P'á prometê, tá sozim. Tem primitido a munta gente... Mais adispois... cadê você?

BALBINA — Eu inté já sube qui êle é muito do namoradô...

SERAPIÃO — Ih... munto. Aquilo é um veáco, menina, é um miserave. E ua mulatinha catita, assim cuma tu, num é pro papo daquele caçote...

BALBINA — Eu acho êle é assim um tanto já véio...

SERAPIÃO — P'ro véio não... Óia qui eu tomém já num sou munto criança, não, mais num me troco pro munto mocim ispigado qui anda pur aí. (Pegando-lhe na mão) Cuma é qui tu te chama?

NASTAÇA (De dentro de casa) — Ou Serapião... (Serapião asustado, solta a mão)

BALBINA — Eu me chamo é...

SERAPIÃO — (Vexado) — Vai-t'imbora, vai-t'imbora, vai-t'imbora...

NASTAÇA (De dentro de casa) — Serapião!...

BALBINA — Balbina da purificação...

SERAPIÃO — Vai-t'imbora, desgraçada. Eu quero lá mais sabê de coisa nenhuma... (Balbina sai, e Serapião fica a lhe fazer sinal que se vá)

NASTAÇA — (Entrando) Adonde terá esse desgraçado socado? (Ajeita os óculos e vendo Serapião, dirige-se a ele) Você qué qui eu ábra os seus uvido cum pedaço de páo, coisa ruim?

SERAPIÃO — Quero o quê, Nastaça...

NASTAÇA — Cadê a cuia de féjão.

SERAPIÃO — Lastá.

NASTAÇA — Deix'eu vê. (Serapião vai apanhá-la e entrega) Você hoje tá fazendo arte de metê-se im reio.

SERAPIÃO — Tu pensará qui eu sou couro de torrâ tabaco. Nastaça?...

NASTAÇA — Você já me cunhece... (Dirige-se para casa onde entra)

SERAPIÃO — Cunheço... Antonce eu num haverá de cunhecê (Só) Ou vida aperreada... (Aparece Canuto da E.) Ou macaca injambrada dos seiscento... Num tenho tempo nem de me coçá...

Cena VIII

Serapião e Canuto

CANUTO — Está falando só, coronel? Sua mulher o traz num torniquete medonho... hein?

SERAPIÃO — Vamicê num viu indagurinha?... A Nastaça raia inté drumindo... Inté debaixo dágua... Aquilo é ua féria...

CANUTO — Não seja moloide, coronel. Reaja. Com energia, sabe?

SERAPIÃO — Eu ? (Gesto negativo com o dedo) Eu sou lá p'pressas violenças.

CANUTO — Devia mostrar-lhe que era homem.

SERAPIÃO — Isto lá sabe, seu Madruga.

CANUTO (À parte) — Não parece.

SERAPIÃO — Mais quano eu quero falá mais grosso, aí qui sai cinza cum fumaça, cuma lá diz o outro.

CANUTO — Mais isto é um aperreio sem nome... Ela o faz andar num corrupio. E é sempre assim?

SERAPIÃO — S'ê sempre assim? É de menhãzinha à bôca da noite. E as vez entra pula boca da noite à dentro, inté os galo cantá. Espere ali (Vai até à porta espreita, volta e canta)

Eu ando sempre atucanado,
Num torniquete assim, medonho.
Já vivo é todo amulegado,
Pois a Nastaça é o dimonho...

Si, porventura, desconfia,
Que por alguém trago rabicho,
Valha-me Deus... Viuge Maria...
Aí é qui ela vira bicho...

Eu já num sei mais o que faça,
P'ra me ver livre dessa tal féria...
Proque, seu moço, a tal Nastaça
É, na verdade, ua meséria...

CANUTO — (Rindo) É. O senhor deixou-se encabrestar...

SERAPIÃO — Foi, seu Madruga. Foi. E agora, móde quebrá o cabresto... tem chita...

CANUTO (Rindo) — Lá isso tem.

SERAPIÃO — A cunvéisa tá bôa, seu Madruga, mais eu vol lá pra dentro, sinão cum pouco mais, a danada chama pur eu de novo. Inté adispois, seu Madruga. (Vai a sair)

CANUTO — Até logo, coronel.

SERAPIÃO — (Voltando-se da porta) Oi. Eu tou doido é qui o Zoró chegue, pra mode eu vê um home nesta casa. (Entra em casa).

CANUTO — (Só) Pobre homem. (Voltando-se para a D.) Ah... Lá vem um cavaleiro em disparada. (Pausa) Apeia-se... Dirige-se para aqui. Quem será? Agora si é o tal Zorobabel... (Ponciano aparece, de botas e esporas, trazendo uma mala à mão) Bandeira... Tu por estas alturas... (Ponciano, atrapalhado, faz menção de safar-se) O que é isto, homem?... Que diabo. Vem abraçar-me. Estás com medo?

Cena IX

Canuto e Ponciano

PONCIANO — Desculpa-me. (Abraça-o) Fiquei surpreso sabes? Não esperava encontrar-te aqui. Que fazes nesta localidade?

CANUTO — Estou empregado na construção de um açude. E tu o que andas fazendo?

PONCIANO — Ah, meu amigo. Avistei, de longe, aquela casa e vinha pedir alguma coisa que comer. Estou faminto, e o que pior (Depois de olhar para os lados) ando foragido, em risco de ser agarrado e engaiolado por muito tempo.

CANUTO — Engaiolado? Que crime cometeste então? (Silêncio) Vamos. Dize.

PONCIANO — (Após um momento de irresolução) Vou contar-te. (Olha receoso ao derredor) Sei que és meu amigo, e julgo não ser preciso recomendar-te absoluto sigilo.

CANUTO — Seria uma desfeita a mim feita.

PONCIANO — Ouve, pois. (Olha, novamente, em torno) Há seis dias na capital, numa casa de jogos, onde eu me achava, apareceu, alta noite, um tipo desconhecido. Meteu-se no baccará, e com uma urucubaca inaudita, perdeu a bessa. Eu não estava jogando, o jogo era forte e eu dispunha de pouco dinheiro na ocasião. Estava, simplesmente aperuando, recostado por traz da cadeira em que se sentára o tal sujeito. Muito bem. Agora, avalia tu: de repente, numa fúria brutal, o homenzinho levanta-se possesso, e investe contra mim, berrando-me ao pé do ouvido “vá aperuar o jogo do diabo que o carregue, seu Perú do inferno...”

CANUTO — (Rindo) Mas que malcriado... E o que fizeste?

PONCIANO — Eu não podia esperar por aquilo, não é? Fiquei indignado. Chamei-o canalha, idiota, pustula, patife, o diabo... O nosso homem, então...

CANUTO — Olha, lá, nosso não...

PONCIANO — (Continuando) com um novo insulto, atirou-me o baralho ao rosto. Ah, meu amigo, perdi a cabeça. Saquei do punhal, e, zás cravei-o, deitando-o por terra a esvair-se em sangue. Estabelece-se a confusão. Querem prender-me. Corro, então como louco; chego à casa, arrumo alguma roupa

nesta malota, dirijo-me à estrada de ferro e tomo o trem, quasi ao partir. Salto em Senador Pompeu, (2) onde com o único dinheiro que me restava, compro um cavalo — aquele que alí vês, amarrado, — vamos por aqui afóra, eu ele, famintos e sem destino.

CANUTO — Sem destino?

PONCIANO — Isto é, eu tenho parente em São Bernardo de Russas (3) e vinha com propósito de ir pedir-lhe agasalho. Mas, tenho pensado pelo caminho, e já estou quase arrependido. Quem sabe si ao chegar lá, não serei preso?

CANUTO — (depois de haver pensado, batendo na teta) — Eureka... Eureka... Bravos... Magnífico...

PONCIANO — (Espantado) Que diabo é isto? Bravos?... Magníficos?...

CANUTO — É que me ocorre neste momento, uma idéia bizarra, uma idéia salvadora. Acabo de conceber...

PONCIANO — (Interrompendo-o) Acabas de conceber...

CANUTO — Não me interrompas. Acabo de conceber um plano admirável, que te pode safar do perigo iminente em que te achas.

PONCIANO — Explica-te, por Deus.

CANUTO — Escuta-me (Olha em torno, e puxa-o por um braço) Um velho sertanejo de meu conhecimento, aguarda ansiosamente a chegada de um filho, que há muitos anos daqui se foi — “em busca das paragens luminosas”, quero dizer, em busca do Eldorado Amazonense. Já não se recorda absolutamente, das feições do filho, pois que o mesmo partiu muito criança.

PONCIANO — Mas, afinal, que tenho eu a ver com tal história?...

CANUTO — Que tens a ver?... Tu?... Tu vais representar o filho do homem.

PONCIANO — Fala claro. Não trago o espírito em condições de decifrar enigmas.

CANUTO — Oh, desgraçado... Pois tu queres mais claro?... Pois não compreendeste que te vais transformar no filho pródigo que volta ao lar paterno?...

PONCIANO — Eu?... Estás maluco.

CANUTO — Qual maluco... É um plano genial. Aqui ninguém te conhece, e essa gente é muito confiada. Apresenta-te, e serás bem recebido, afiança-te.

PONCIANO — (Grave) Eu tenho cometido em minha vida, com tristeza o revelo, — muitas ações reprováveis. Mas, deixa que eu te diga: o que me propões é uma canalhice; mais do que isto: é uma infâmia.

(2) Município do Ceará

(3) Hoje, Russas (CE). A inclusão das palavras São Bernardo é devida ao Governador Bernardo Manuel de Vasconcelos (Governo: 1799/1802)

CANUTO — Eh... Deixa de palavras campanudas. Infâmia, não. Será apenas uma brincadeira, que...

PONCIANO — (Interrompendo-o) Que poderá trazer-me conseqüências bem desagradáveis.

CANUTO — Qual nada. Olha: tu andas foragido, esfomeado, sem dinheiro, arriscado a cair, a cada instante, nas garras da polícia...

PONCIANO — (Interrompendo-o) Mas, diz-me uma cousa: que interesse tens tu em que eu vá meter na péle de outrém?

CANUTO — Em primeiro lugar, prestar-te um serviço inestimável, salvando-te, momentaneamente, do sério aperto em que vês; e, em segundo lugar, espero que, por tua vez, impresstes, em retribuição, um relevante obséquio.

PONCIANO — Ah... um relevante obséquio. E de que natureza?...

CANUTO — Vou te ser franco. Estou apalermadamente enamorado de uma filha de teu pai putativo; a pequena, porém, não me dá tréla. Compreendes? E eu quero quebrar-lhe a castanha. Confio, então, que, na qualidade de seu suposto irmão, me auxilies na empresa. Serás um trunfo a mais no meu jogo.

PONCIANO — Estás apaixonado, hein?...

CANUTO — Como um imbecil. Ah! mas a pequena é uma verdadeira jóia. Vais ver.

PONCIANO — É uma jóia, não?...

CANUTO — Do mais alto quilate.

PONCIANO — Fazes bem então, em querer possuir uma tal jóia. E, quando estiveres necessitado... bota-a no prego, (passa e voltando-se muda de antonação) Eu, porém, é que não me prestarei, de forma alguma, ao papel que me destinas na farça que engendraste. Onde tu já viste semelhante disparate?... Nem mesmo em fitas cinematográficas...

CANUTO — (Persuasivo) Mas que te custa isso? Nestas condições críticas e angustiosas em que te encontras, nem refletir deves por mais tempo. E demais, vai ser apenas uma pandega, uma troça inofensiva, uma patuscada como muitas que temos perpetrado. Poderás permanecer aqui, tranquilamente, o tempo que te apetecer; metido noutra individualidade, e, podes crer, carinhosamente tratado. (Ponciano fica pensativo) Logo que te aborreças, disto ou que te julgues escápo de perseguições policiais, — nada mais simples, despêde-te da família sob o pretexto de regressares ao Amazonas, e zarpa, reincadernando em tua verdadeira personalidade... jurídica.

PONCIANO — (Após haver refletido, coçando a cabeça) É o diabo... De fato, não se me dava de descansar aqui, durante alguns dias. Estou miseravelmente estafado, e ainda numa tensão de nervos verdadeiramente apavorante.

- CANUTO — Então resolve-te, rapaz. Olha: temporariamente, passar-te-ás a chamar Zorobabel do Bomsucesso...
- PONCIANO — (Enfático) Zorobabel do Bomsucesso... (Outro Tom) Mas que nome gaiato... Ora vejamos só: Zorobabel do Bomsucesso...E eu não poderei ao menos afrancêsa-lo?... Soaria melhor... Zorobapel dela Bonne Délivrance...
- CANUTO — Põe de parte as graçolas. (Outro tom) Tua família reside naquele sarcófago. (Aponta) Tua mãe... é morta.
- PONCIANO — (Troçando) Coitada... Vou botar luto...
- CANUTO — (Continuando) Teu pai é o coronel Serapião do Bomsucesso, chefe oposicionista do Riacho do Sangue.
- PONCIANO — Logo oposicionista!... Si ao menos fosse governista...
- CANUTO — Partiste para o Amazonas aos doze anos de idade, e após desenove anos de ausência, regressas, agora, ao pátrio lar!
- PONCIANO — (Sarcástico) É comovente isto... (Mudando de tom) E se o verdadeiro Zorobabel chegar inesperadamente, antes de minha retirada?...
- CANUTO — Não tenhas receio. O Amazonas fica muito distante. E enquanto o páo vai e vem, folgamos as costas.
- PONCIANO — Eu já estou é morto de fome. Desde ontem que não como.
- CANUTO — Pois vamos comer qualquer cousa lá em casa e combinar as particularidades do teu caso.
- PONCIANO — Vamos lá. Eu quero comer. (Saem)
- CANUTO — Olha: eu moro acolá naquela barraca isolada... (saem conversando E. B.)

Cena X

Bernardo e Balbina (Entram da D.)

- BERNARDO — (Entrando com Balbina) — Tu és uma mulhé incomparável, Balbina. Foi, na verdade, uma idéia piramidal essa tua de nós virmos pedir à dona Biloca para cobrir o nosso casto amor com o manto virginal da sua proteção misericordiosa, ôpa! (Noutro tom) Homem, não é brincadeira não, eu estou inspirado hoje prá burro.
- BALBINA — Só sá dona Biloca mêrmo pode valê nós.
- BERNARDO — De certo. Teu padrinho e tua madrinha gostam muito de dona Biloca e s'ela for a nosso favor...
- BALBINA — Meu padrim Cariolano, inda hoje dixe, qui perfiria mais ante vê eu morta di que casada cum tu''.
- BERNARDO — Oh, homem... Aquilo é um malvado, Balbina; aquilo é um monstro apocalíptico, ôpa! (Mudando de entonação) Chega me dá vontade é de chorar... Tu morta... Tu gélida e fria num caixão estreito... (Trágico) Oh... Si tu morresse Balbina... si tu morresse... eu morreria sobre tua cova. (Outro tom) Bonito hein?...

BALBINA — Morria lá nada... Você ia mais era logo atrás d'outra.
BERNARDO — Não diga isso, minha santa... (Com ênfase) Tu és a flor qui m'imbalsama a vida...

BALBINA — Ante sêsse...

BERNARDO — Ante sêsse... Tu bem sabe qui é minha rôlnha. Tu fala é de papo cheio.

BALBINA — As vez eu quero até aquerditá... mais porém tem outras vez qui eu fico imaginando qui você que é caçoá d'eu.

BERNARDO — Caçoar de tu, coração?... Eu?... — Oh... (Mudando entonação) Ah, homem, por falar em Oh... me lembrei daquela cantiga que começa assim: Oh... vamo cantar, Balbina. Anime-se homem. Vamo vê...
(Cantam os dois)

Oh!...

BERNARDO — Aguenta a nota, Balbina... (Continuando a cantar)

Oh, que prazer,
seu bem,

Neste viver
ninguém

Póde deixar,
Oh, flor

De abençoar
O amor,

Oh!...

BERNARDO — A hí Balbina velha de guerra
(Continuando)

Oh, que prazer,
seu bem,

Neste viver
Ninguém

Pode crescer,
Oh, flor,

Do nosso amor

BERNARDO —
Eu te adoro, tanto e tanto,
Que só falto endoidecer

BALBINA —
Tu me puseste quebranto,
E eu, só tua posso ser...
(Repetem a 1.^a parte)

BERNARDO — (Rindo) Se seu coronel Serapião pegasse nós outra vez nesse maxixe, ficava brabo, hein, Balbina?

BALBINA — Seu curuné Serapião dixeu a eu indagorinha, qui tu era munto do veaco. Qui tu só fazia era premetê... Mais adispois...

BERNARDO — Depois aquele macaco enjambrado te disse isso? Aquilo é uma peste, Balbina; aquilo apanha até da mulhé...

BALBINA — Dixe mais. Dixe qui ua menina catita cuma eu, num era p'ro papo dum caçote cuma tú.

BERNARDO — Caçote?... Pois aquele cururú de lagôa me chamou caçote, minha rãzinha de bananeira?... Pois olha: cara a cara, ele é baixo para dizer tanto assim. (Serapião aparece à porta) (Trágico) Ah... Senhor Serapião do Bom ou Malsucesso...

Cena XI

Bernardo, Balbina e Serapião

SERAPIÃO — (À parte) Aquilo é comigo... (Aproxima-se na ponta dos pés)

BERNARDO — (Continuando)... eu queria ter-te, neste momento, ao alcance desta munheca, para... (Volta-se, vê Serapião) e disfarça mordendo os lábios.

SERAPIÃO — F'rá que, seu Bernardo?... (Pequena pausa) Vamo. Diga.

BERNARDO — (Estendendo-lhe a mão) Para cumprimentá-lo, coronel. Como ter passado o senhor? Como vai de saúde?

SERAPIÃO — (Depois de fitá-lo, demoradamente) Eu só tou aqui é admirando a sua pouca veigonha... Depois eu já num corri indagorinha cum vamicê daqui, seu Bernaldo? Num dixe a vamicê qui o meu terreiro num é logá de conchambrança, seu Bernaldo? Qui dimonho vamicê pensa qu'ist'aqui é, seu Bernaldo? Pensará qu'ist'aqui é a casa da mãe Joana?

BERNARDO — Não, seu coronel. Eu lá vou pensar isso... (Outro tom) É que nós, — eu e ela, — viemos falá com sua ilustríssima filha, modimosélia dona Biloca...

SERAPIÃO — (Escamado) — Modrimosélia não. Num insurte, minha filha, seu Bernaldo. Num admito.

BERNARDO — Mas, seu coronel...

SERAPIÃO — Vamicê num caçue, seu Bernaldo, qui eu inda tenho sustança assuficiente pr'impunhá um cravinóte.

BERNARDO — Mas, seu coronel, eu sou incapaz de ofender dona Biloca. Mademo sélia é uma palavra muito usada; quer dizer moça, jovem, manceba...

SERAPIÃO — Antonce madrimosélia qué dizê moça, jovem manceba...

BERNARDO — Perfeitamente, coronel.

SERAPIÃO — Tá bem. E coidei quer'outra coisa. E qui negoço vamiscês tem c'a Biloca?

BERNARDO — Assunto de nosso particularíssimo interesse. Não é Balbina? (Para Serapião) Coisa séria.

SERAPIÃO — E vamicê argum dia levou nada a séro, seu Bernardo?

BERNARDO — Tenho levado, seu coronel. Agora mesmo, olhe, resolvi enlaçar-me com esta pequena, quero dizer: unir-me a ela pelos laços indissolúveis do matrimônio.

SERAPIÃO — E tu qué esse negoço, menina?

BALBINA — Quero, inhô si.

SERAPIÃO — (À parte) Tá desgraçada...

BERNARDO — Se seu capitão Coriolano e dona Fredegunda pedirem informações de minha pessoa a seu coronel Serapião, eu espero que nada dirá que me desabone...

SERAPIÃO — (Com segunda intenção) Sim. Destá. As informação qu'eu posso dá de você são munto bôa. Miores eu acho mermo qui num é possive...

BERNARDO — Oh, muito obrigado, coronel. Eu não mereço tanto...

SERAPIÃO — Num é perciso abardicê não. Des tá. Deixe isso p'á dispois... (indo à porta) Ou Biloca...

BILOCA — (Dentro de casa) Senhor...

SERAPIÃO — Chega cá. (Biloca aparece) Ve ai que qui essa pareia de maluco qué cum tu... (Entra em casa resmungando)

Cena XII

Bernardo, Balbina e Biloca

BILOCA — (Desce) (Vendo Balbina) Ah, é a Balbina. Como vai tua madrinha? Melhorzinha?

BALBINA — (De olhos baixos) Sempre vai mais amiorada, inhora sim.

BILOCA — Desejam falar comigo?

BERNARDO — (Com um rapapé) — Desejamo icelentríssima.

BILOCA — De que se trata?

BERNARDO — (Em tom oratório) Dona Biloca, é que nós, eu e aqui a Balbina, estamos com vontade, — muita vontade mesmo, de unir as nossas almas pelo casamento. Acontece, porém, que seu capitão Cariolano Pimpim Jamacarú, padrinho aqui da suplicante, está botando impedimentos. (Dando de ombros) Não sei porque... E então a Balbina teve a feliz lembrança de nós vir solicitar a valiosa proteção de dona Biloca.

BILOCA — A minha proteção? Como assim?

BERNARDO — Era para... (Baixo, catucando Balbina) Diz também alguma coisa, homem. (Alto, para Biloca) Sim, era para a senhora, dona Biloca, sê pur nós, e falá ao padrinho e a madrinha da Balbina, a esse respeito.

BILOCA — Bem. Isto eu posso fazer. Não garanto é ser bem sucedida.

BERNARDO — Ora, seu capitão Coriolano e dona Fredegunda gostam muito de dona Biloca... e um pedido da senhora é tir'e queda. Não é, Balbina?

BALBINA — (Sempre de olhos baixos) Eu tem pra mim qui é...

BERNARDO — O vosso patrocínio, dona Biloca, é um manto recamado de estrelas (À parte) Bonito, hein?

BILOCA — Pois vamos ver o que se faz. Se dependesse só de mim.

BALBINA — S'a sinhora fizesse infincapé...

BERNARDO — (Catucando-a em voz baixa) O que é isso?

BILOCA — (Rindo) Infincapé? Não, infincapé não me fica bem fazer. Porém si a minha interferência no assunto, tem, com efeito, o valimento que vocês julgam ter, podem, desde já, considerar-se noivos.

BERNARDO — (Radiante) Está ouvindo, Balbina?... Ist'é qui é... (Noutro tom, para Balbina) Tu podia até me dar logo ua bijoca pur conta...

BALBINA — (Vexada) Deixe disso. Ói a moça.

BERNARDO — Que tem isso, Balbina? Fará mal?

(Cantam os dois)

BERNARDO —

Minha cabocla, neste momento,

Devias dar-me ua beijoca

BALBINA —

Deixe de tanto descaramento...

Respeite, ai dona Biloca

BILOCA —

Já não precisam de disfarce,

Sem cerimônia: vocês podem beijar-se,

BALBINA —

Sinto meu peito a palpitá

BERNARDO —

E o meu batendo, assim está:

Ta tatá, tatatá, tatatá,

Tatatá, tatatá, tatatá...

TRIO —

Felicidade, quanto és fagueira,

Quanto és sublime, celestial,

Quando em noss'alma, alviçareira

Surges tão bela, tão ideal...

(Fim do primeiro Ato)

SEGUNDO ATO

Cenário: O mesmo do 1.º ato

(Personagens: — Os mesmos do primeiro ato, e mais Serafina filha de Massaranduba e Gitirana, garôto da casa de Serapião)

Cena I

Madruga e Ponciano entram E. B. conversando

CANUTO — Já te achas convenientemente industriado sobre o que tens a fazer. E agora, filho pródigo, atira-se comovedoramente aos extremos braços de teu velho pai.

PONCIANO — Vai ser uma cena emocionante; de fazer chorar as próprias pedras. (Dramático, de braços abertos) Meu pai...

CANUTO — Fala mais baixo, desgraçado. Não precisas berrar desta forma. Aguarda-te para o momento psicológico.

PONCIANO — (Pensativo) Eu não sei é como me safarei dessa enrascada... Meter-me assim, mais aquela, no seio de uma família honrada... Sinto remorder-me a consciência por ir praticar uma ação... que eu me abstenho de qualificar.

CANUTO — Deixa-te de escrúpulos piégas... Tua consciência sempre foi de uma elasticidade a toda prova.

PONCIANO — É que julgas a minha... pela tua...

CANUTO — Não discutamos. Vou retirar-me, para que entres em ação. Espero que, hoje mesmo, iniciarás, com jeito, persuasivamente, a catequização de tua irmã, — humanizando-a a meu favor.

PONCIANO — Farei o possível. Si bem que reconheça não ter, absolutamente, dêdo para a coisa.

CANUTO — É modéstia.

PONCIANO — Nunca servi de limpa trilhos, meu caro, — e é este o papel que me queres fazer representar, — e nem me sinto com a vocação precisa para efetivar a cultura moral das sertanejas.

CANUTO — Não te há de custar acredita-me.

PONCIANO — Não me há de custar... Isto é o que vamos ver... (Noutro tom) Não, então, a tua apaixonada não te presta a mínima atenção?...

CANUTO — Infelizmente assim é. E eu, desesperado com desdém...

PONCIANO — (Interrompendo-o) Ficas como qualquer poeta nefelibata, que em condições tais: “chora, geme, soluça e urra...” (Ri-se)

CANUTO — Eu lhe tenho deitado, algumas vezes, olhares inflamados de amor, outras vezes, olhares, languídos... de quem sofre azia, e ela... nem como coisa. (Canta)

Não sei porque razão
Assim, sou desprezado.
E, por tal ingratidão.
Eu vivo, aqui, aperreado...

Agora, tua vinda
Me deu um novo alento.
Vamos ver se a minha linda
Se resolve ao casamento

E eu vibrarei então,
Da mais viva alegria
Quando chegar o dia
Da nossa união.

Mas se o meu amor
Não for, enfim, recompensado,
Estalarei de dor,
Morrerei desesperado...

PONCIANO — (Troçando) Que coisa... Eu já’estou quasi a chorar...

CANUTO — Ah, meu amigo... tu zombas é porque ainda não a conheces. A pequena é verdadeiramente bela. Verás. Bela... como uma pelêga de quinhentos.

PONCIANO — (Rindo) — Daquelas da Caixa de Convenção, não?... (Noutro tom) Mas, homem, por falares em pelega, passa-me aí uma de cinquenta.

CANUTO — Hein?... Hom’essa... Logo não vês... Então eu te arranjo um meio de tirar-te do apuro em que te achavas, e, ainda por cima, queres morder-me?... Ess’é boa...

PONCIANO — (Persuasivo) Mas tu compreendes, eu não posso regressar do Amazonas assim, de mãos abanando, sem vintém no bolso...

CANUTO — O Amanozas, presentemente, está muito ruim...

PONCIANO — Não. Deixa-te de lérias. Ao menos uma de vinte. Sinão, dou o dito por não dito, e prossigo viagem.

CANUTO — Não podes fazer isto por menos?... Eu estou com os vencimentos em atraso...

PONCIANO — Nada. É pegar ou largar. Passa o cobre, (Estende a mão)

- PONCIANO — Não casou?... (Consigo mesmo) Mas o Madruga disse...
- BERNARDO — (Interrompendo-o) Madruga?... Qui Madruga?
- PONCIANO — (Batendo na boca, à parte) Ou diabo... (Alto) Nada, meu pai. Nada. (Noutro tom) Então, decididamente, não casou segunda vez?
- BERNARDO — Casei o que, homem... Agora é qui'stou tratando disso, fazendo uma cavaçãozinha. Mas que inspanto é esse?...
- PONCIANO — (Atrapalhado) Ora o Madruga...
- BERNARDO — Lá vem Madruga de novo... Quem é esse Madruga?
- PONCIANO — Não é ninguém não. Mas o senhor não tem também uma filha?
- BERNARDO — Tenho. (Olha à E.B.) Olhe ali (Aponta) lá está ela debaixo daquela oitica. É inteligente pra burro. Você se realmente é meu filho — eu não duvido, vio? — há de saber que filho de peixe sabe nadar... (Acenando para E.) Eh... Psiu... Vem cá...
- PONCIANO — (À parte) Há muita gente por aí, que sem ser filho de peixe, sabe nadar... (Olhando para E.) Oh, mas é tão criança ainda... o Madruga...
- BERNARDO — Oh, homem... Pois você não executa dois compassos que não meta esse Madruga no meio... Qui diabo!...

Cena III

Ponciano, Bernardo e Finfina

- FINFINA — (Entrando da E.B.) As ordens papai... (Fazendo a continência militar) (Bernardo aponta para Ponciano) Quem é esse moço? (Bernardo dá de ombros)
- PONCIANO — (De braços abertos) Minha... irmã... (Abraça-a)
- BERNARDO — Alegro moderado.
- FINFINA — (Espantada) Sua irmã... É verdade isto, papai?... É meu irmão?...
- BERNARDO — Eu nem sei, ele diz qui é. Diz qui é meu filho... (Consigo mesmo) Como é o diacho do nome, qui jam'isqueceu?... (Alto) Ah, meu filho Prólogo.
- FINFINA — (Consigo) Prólogo?... (Para Bernardo) E como o papai nunca me falou nele?
- BERNARDO — (Para Finfina) Si eu não sabia...
- FINFINA — (Admirada) Não sabia!?
- PONCIANO — Como te chamas? (Consigo) O Madruga esqueceu-se de dizer...
- BERNARDO — Oh, desgraçado... Deixa esse Madruga de mão...

FINFINA — Eu sou mais conhecida por Finfina, mas o meu nome é Serafina. É até bonito, não é?

BERNARDO — Diz lá isso em verso, Finfina. Tu não sabes?

FINFINA — (Para Ponciano) Quer ouvir?

PONCIANO — Com o máximo prazer, minha flor.

FINFINA — (Canta)

Eis a meiga Serafina..

Na campina

Das flores sou irmã

(Os dois repetem)

Tão garrida, tão mimosa,

Qual bonina.

Que ao clarear da manhã

Tão louçã,

Se entreabre perfumosa...

Como a rosa

(Os dois repetem)

Desenvolta e donairosa,

Todo o dia,

Eu palmilho, corajosa,

Estas matas verdejantes.

(Os dois repetem)

E à noite, que alegria...

Pelos campos

Corro atrás dos pirilampos

Cintilantes...

(Os dois repetem)

PONCIANO — Bravos, Finfina. É encantadora.

BERNARDO — Esta pequena tem quengo. E você, se com efeito é meu filho... (Bota a mão no ombro de Ponciano) Mais espere... (Examina-o, tira-lhe o chapéu) Você já é bem taludinho, hein? Me diga uma coisa: qui idade é a sua?

PONCIANO — Eu embarquei para o Amazonas, aos doze anos de idade, — isto em 1906 — devo ter, portanto, trint'anos feitos. Meu pai não sabe disto?

BERNARDO — Trint'anos feitos? Ah, meu amigo, pois então... (Noutro tom) Finfina vaite-te imhora.

- FINFINA — Adeusinho. (Sai E. B., como entrou, aos saltos)
- BERNARDO — (Continuando) — Procure seu pai noutra parte, meu amigo. Sinto muito, mais eu também não posso assumir a sua paternidade. Ora você diz ter trint'anos feitos, eu cá vou fazer 43 em novembro, de maneiras que, quando se deu o sinistro... quero dizer, quando você foi lançado ao mundo, eu tinha, apenas treze anos. E nessa idade você me compreende, não é? Era impossível.
- PONCIANO — Mas, afinal de contas, o senhor não é coronel?...
- BERNARDO — (Interrompendo-o) Coronel?! Eu?! Eu nunca cheguei nem ao menos a alferes. Fui furriel do Exército e sargento da Polícia.
- PONCIANO — E o seu nome?
- BERNARDO — João Bernardo Massaranduba, mestre da Filarmonica Riachosanguense. Opa!
- PONCIANO — Com os diabos, homem. Queira perdoar-me o equívoco.
- BERNARDO — Não por isso... Eu tenho até muita pena, sabe? Mas... (Olhando à D.) Ah! Aí vem o coronel Serapião. (Passa).
- PONCIANO — (À parte) O Coronel Serapião?... É o meu homem. (Toma posição Serapião entra à D. B.) (À parte) É agora... (Dramático, de braços abertos) Meu pai...

Cena IV

Ponciano, Bernardo e Serapião

- SERAPIÃO — (Alvorçado) O quê?... É meu fio?...
- BERNARDO — (Passando ao meio) Não se assuste, coronel isto é mania dele. Não pode ver um homem qualquer, que não comece logo a urrar. (Arremedando-o) Meu pai.
- PONCIANO — Eu sou seu filho sim, meu pai. Acabo de chegar do Amazonas.
- SERAPIÃO — (Atirando-se-lhe aos braços) Zoró... babel...
- PONCIANO — Meu pai... (Ficam abraçados)
- BERNARDO — (À parte) Qui coisa tocante. E parece que agora o negócio é sério, qui ele achou mesmo o pai por quem urrava.
- SERAPIÃO — (Satisfeito, saindo-lhe dos braços) Mas meu fio, prueque tu num avisou pr'eu mandá a condução e aperpará os afestejos?
- PONCIANO — Quis fazer-lhe uma surpresa, meu pai.
- SERAPIÃO — Quano tu chegou no Ceará?
- PONCIANO — Quinta-feira da semana passada.
- BERNARDO — (À parte) (Olhando à D. B.) Lá vem o capitão Coriolano. (Alto) Até outra vista, meus senhores. (Sai para a E. B.)

PONCIANO — Passar bem, senhor Massaranduba. (A Serapião)
Pois eu não mé confundi e julguei que aquele animal fosse meu
pai

SERAPIÃO — Ora façum idéa... (Ri-se) (Coriolano aparece da
D. B.)

Cena V

Ponciano, Serapião e Coriolano

CORIOIANO — (Entrando da D.) Deus Noss'inhô li dê muito
bom dia, meu cumpade.

SERAPIÃO — Oh, cumpade Cáriolano. Ói quem tá qui: o Zoró.

CORIOIANO — (Admirado) O Zoró? É este?

PONCIANO — Em carne e osso; isto é, mais osso que carne.

CORIOIANO — Apois chegou assim, sem ninguém isperá? Me
dá um abraço, menino.

PONCIANO — Pois não. (Abraça-o, à parte) Quem será este fi-
gurão?

SERAPIÃO — Zoró, é o meu cumpade, capitão Cariolano.

CORIOIANO — Cariolano Pimpim Jamacarú.

PONCIANO — Honro-me em conhecê-lo, senhor Capitão Coriolano
Pipi.

CORIOIANO — (Interrompendo-o) Pimpim.

PONCIANO — (Continuando) Pimpim Jamacarú.

CORIOIANO — E nós tava no preposto de arrecebê ele cum fes-
tão dos dianga, hein, cumpade, Serapião?

SERAPIÃO — É veldade, home.

PONCIANO — Assim foi bom. E, desde já, lhes peço que desistam
de quaisquer manifestações projetadas. Nada de alvoroço.
Eu preciso é de tranqüilidade... tranqüilidade de corpo e de
espírito... E mesmo, ainda não me passaram, de todo, os
acessos de sezões.

SERAPIÃO — Aqui tu fica logo bom, meu fio. Tu vai vê..

CORIOIANO — Antonce tá sastifeito de vortá de novo ao Riacho
do Sangue?

PONCIANO — Se estou satisfeito?... Estou radiante de contenta-
mente... (Canta)

É indizível, não se descreve
O meu prazer profundo e eterno,
Neste momento feliz, em que,
Volto ao lar paterno...

(Os dois repetem)

PONCIANO —

Bem petiz eu me auzentará

(Os dois)

Se ausentára...

PONCIANO —

Do aconchego maternal
(Os dois)
Maternal...

PONCIANO —

E é contente que revejo
(Os dois)
Que revê

PONCIANO —

Este meu torrão natal...
(Os dois repetem)
Bem petiz se ausentára

PONCIANO —

Me ausentára
(Os dois)
Do aconchego maternal

PONCIANO —

Maternal
(Os dois)
E é contente que revê

PONCIANO —

Que revejo

SERAPIÃO e CORIOLANO —

Este seu torrão natal.

PONCIANO —

Nada existe que se compare
As alegrias de um lar.
Onde a gente sente o coração
Se reconfortar...
(Os três repetem)

SERAPIÃO — Tem razão de tá sastifeito, Zoró; e nós ainda mais.
(Noutro tom) Ah, home, deixe-m'i chamá o pessoal de casa,
móde fazê ùa supreza. (Dirige-se à casa; voltando à cena)
Meu fio, tu já viu u'a jararaca assanhada?

PONCIANO — (Surpreso) Não senhor.

SERAPIÃO — Nem u'a cascavel de vereda chucaiando?

PONCIANO — Também não.

SERAPIÃO — E u'a onça pintada, dessas danada?

PONCIANO — Por um pouco.

SERAPIÃO — Mais ua jacaré feme tu já viu?

PONCIANO — Nada disso.

SERAPIÃO — Mas tu num vêi dos Almazonas, home. E lá dix
que tem tanto...

PONCIANO — (Caíndo em si) Ah, é verdade. Lá no Amazonas
tem muito. Mas como é difícil distinguir-se o macho da
fêmea. (Noutro tom) Porém por que me faz o senhor tan-
tas perguntas, que até fazem lembrar a Arca de Noé?

SERAPIÃO — É porque tu vai vê a Nastaça.
 CORIOLANO — (Com uma risada) Esse cumpade Serapião tem boas...
 PONCIANO — A Anastácia?
 CORIOLANO — Sim, home, a sua madrastra.
 SERAPIÃO — E ela, sozinha, arreprenta essa bicharada toda.
 PONCIANO — (À parte) Onde se veiu meter o filho de meu pai...
 SERAPIÃO — (Desconsolado) Ah, meu fio, o isfalecimento de tua mãe, — a quem Deus tenha pro muntos ano, na sua santa gulóra, — me deixou assim a modos qui amalucado.
 CORIOLANO — É. Mais porém nem purisso o cumpade Serapião deixou de se casá de novo, quagi qui imriba das buchas.
 SERAPIÃO — E apois, home. E tu qué prova mió di qui essa, de qui eu tava mais era indiota de todo...
 PONCIANO — (Rindo) O argumento, na verdade, é convincente.
 SERAPIÃO — Eu vou chamá a Nastaça, e tua mana, a Biloca.
 CORIOLANO — A Biloca, cumpade, eu deixei ela, agora mermo, lá im casa, mais porém num déve demorá.
 SERAPIÃO — (Gritando, à porta) Ou Nastaça... Nastaça... Ou Nastaça... Vem cá dipressa, Nastaça... (Desce à cena)

Cena VI

Ponciano, Serapião, Coriolano e Nastaça

NASTAÇA — (Aparecendo à Porta) Qui dimonhe de berreiro é esse, Serapião? Tará c'o pai na fôica?..
 SERAPIÃO — É o Zoró, Nastaça. Chegou agora mermo...
 NASTAÇA — (Espantada) O Zoró? Apois é possive? (Desce)
 SERAPIÃO — O Zoró, inhora sim. Tá qui ele.
 PONCIANO — (Passando) Tenho imenso prazer em cumprimentá-la e conhecê-la pessoalmente.
 NASTAÇA — (Depois de ajeitar os óculos e examinar Ponciano, falando para Serapião) Mais, home, nem percisava tu dizê qu'era Zoró. Eu tinha cunhécido logo ele pula ureia.
 PONCIANO — (Consigo mesmo, pegando nas orelhas) Pelas orelhas...
 NASTAÇA — Tem as ureia da famia...
 PONCIANO — Ah, são tradicionais?..
 NASTAÇA — As ureia é vê as do pai... todinha...
 SERAPIÃO — É. Niss'ele puxou cá o véinho...
 CORIOLANO — E eu qu'inda num tinha feito arrepáro...
 NASTAÇA — E antonce o nariz...
 PONCIANO — (Consigo) O nariz também?..
 NASTAÇA — (Continuando)... o nariz é dêreitinho o da mãe, a finada Mérandulina.
 PONCIANO — (À parte) As orelhas do pai... o nariz da mãe... Nada me pertence, então?

- CORIOLOANO — Móde si paricê ainda mais c'a mãe... só farta mermo ua berruga na ponta.
- PONCIANO — (A parte) Estou atordoado...
- NASTAÇA — Ua berruga na ponta e um ôi vazado...
- PONCIANO — (À parte) Bonito... Uma berruga na ponta e um olho vazado...
- SERAPIÃO — Hein, Nastaça? Inda tá inté bem parecido c'o retratinho dele qui nós tem.
- PONCIANO — (À parte) Ou diabo. (Alto) O meu retrato? Têm o meu retrato?
- SERAPIÃO — Tá lá dentro, Dêstá qui eu te amostrô. Tu tá nu-zim im pêlo.
- PONCIANO — Nu?... (À parte) Mas que indecencia...
- SERAPIÃO — Quano foi tirado tu podia tê, quano munto, dois ano.
- PONCIANO — Ah, está bem... Então não se deve parecer lá grande coisa...
- SERAPIÃO — Vamo entrá, meu fio.
- CORIOLOANO — E eu me arritiro, cumpade.
- SERAPIÃO — Num qué ficá p'o armoço?
- NASTAÇA — Já tá apreparado.
- CORIOLOANO — Munto agardicido, mais num é possive. Vou lá vê a muié cuma vai.
- SERAPIÃO — Apois o meno venha jantá mais nós.
- CORIOLOANO — Pá jantá sim. Inté logo, Zoró.
- PONCIANO — Passar bem, capitão.
- CORIOLOANO — Cumade Nastaça, inté outra vista.
- NASTAÇA — Si Deus quizé, cumpade (Coriolano sai para a D.B.)
- SERAPIÃO — Vamo entrá, meu fio. Tu tamém percisa discança comê quarqué coisa.
- PONCIANO — É verdade, Eu e o meu pobre cavalo. Olhe, meu pai, lá está o desgraçado. (Aponta à D.) Mande dar-lhe uma ração. Há dois dias que o misero não come.
- SERAPIÃO — (Gritando) — Ou Gitirana...
- GITIRANA — (De dentro de casa) Inhô...
- SERAPIÃO — Anda cá, miserave.
(Gitirana entra em cena)
- SERAPIÃO — Tira a sela daquele animal, dá dois litro de milho e bota no cêicado.
- GITIRANA — Inhô sim, seu curuné. (Sai pela D.B.)
- SERAPIÃO — E a tua bagage?
- PONCIANO — (Mostrando a malota) Ei-la. Deixei três malas grandes, deste tamanho, no Hotel em que me hospedei na capital. Depois virão.
- SERAPIÃO — Apois vamos, Zoró. Eu avalúo quano a Biloca chegá... Essa é aqui quano vê tú, vai ficá contente qui nem um rato quano vê ua tóra de queijo... (Ri-se, e vai condu-

zindo Ponciano para casa, com a mão sobre seu ombro)
(Entram em casa).

NASTAÇA — (Os acompanha à porta, apontando para Serapião, à parte) Vejum só cuma isso tá besta pru causo do fio...
(Entra em casa) Cavallo grande besta de pau (Sai).

Cena VII

Bernardo e Biloca

BERNARDO — (Entrando da E. B.) Se eu pudesse falar com a dona Biloca, (Olhando à D.) Ah, aí vem ela... Nem de propósito (Biloca entra da D.B.) Bom dia dona Biloca...

BILOCA — Bom dia, seu Bernardo. Já sei que deve estar ansioso por saber a resposta do Capitão Coriolano, sobre as suas pretensões à mão da Balbina.

BERNARDO — Anciosíssimo, dona Biloca. A senhora nem pode imaginar.

BILOCA — Pois infelizmente, não foi satisfatória.

BERNARDO — Não foi satisfatória?... (Desconsolado) Ah, dona Biloca... não me lance o desespero n'alma.

BILOCA — Que fazer? Falei ao capitão Coriolano, — conforme havia prometido, — com o máximo interesse. Procurei convencê-lo de que devia atender ao seu pedido e ao desejo da Balbina.

BERNARDO — (Interrompendo-a). Muito bem dona Biloca. Tocou-me às cordas do coração...

BILOCA — (Continuando) Mas tanto o capitão Coriolano como a mulher.

BERNARDO — A dona Fredegunda...

BILOCA — (Continuando) ...mostraram-se irredutíveis. Opõem-se tenazmente.

BERNARDO — (Descansadamente) — Qui gente sem coração, dona Biloca...

BILOCA — Disse-me o capitão que havia tirado informações a seu respeito e que estas eram as piores possíveis.

BERNARDO — Intrigas, dona Biloca... Intrigas... Esse povo do Riacho do Sangue fala até do Padre Eterno.

BILOCA — (Continuando) E que não haviam criado a Balbina como filha, para entregá-la a um homem de tão maus precedentes como o senhor.

BERNARDO — Opa! mas me anarquizaram mesmo muito, dona Biloca...

BILOCA — Em vista, porém, da insistência com que advoguei a sua causa, eles prometeram matutar no caso. Si o senhor regenerar-se...

BERNARDO — Mas eu nunca fui degenerado, dona Biloca...

BILOCA — Em todo caso, não perca de todo as esperanças. É dar tempo ao tempo, e procurar endireitar a vida.

BERNARDO — Farei o possível, dona Biloca... E a senhora há de ser o nosso anjo da guarda... Meu e da Balbina.

BILOCA — Pois si quer continuar a ter o meu apoio é procurar emendar-se. (Passa e vai em direção à casa; voltando-se) Ah. — antes que me esqueça, — disseram até ao capitão Coriolano que a sua primeira mulher morrera de maltratos, infligidos pelo senhor.

BERNARDO — Iss'é ua infâmia, dona Biloca, ela morreu de parto.

BILOCA — Não sei. O que é fato é que, todos aqui, dizem muito mal da sua pessoa (Bernardo fica triste, cabisbaixo). Biloca, olhando à D., à parte) Lá vem o cabuloso... É preciso desiludí-lo de uma vez... Mas como?... (Batendo na testa, como que inspirada por uma idéia) Ah... (Canuto aparece à D.) (Biloca pegando nas mãos de Bernardo, arrebatadamente) Meu Bernardo, como eu te quero e como sou feliz ao teu lado...

Cena VIII

Bernardo, Biloca e Canuto

CANUTO — (À parte) Ou diabo. Que vejo?... (Sobe um pouco e fica a observar)

BERNARDO — (trapalhado e surpreso) (À parte) Virge Maria (À Biloca) Que qu'istá sentindo, dona Biloca?

BILOCA — (Baixo a Bernardo) Diga que me ama... Diga...

BERNARDO — Pr'eu dizer?...

CANUTO — (À parte) Que escândalo!...

BILOCA — (Baixo a Bernardo) Sim. Diga que me ama... muito. muito...

BERNARDO — (Ainda perplexo) Dona Biloca... eu amo a senhora...

BILOCA — (Baixo) (Interrompendo-o) Senhora não. Trate-me por tu.

BERNARDO — (Admirado) Por tu? Bem. (Noutro tom porém sempre a meia voz) Dona Biloca eu te amo.

BILOCA — (Baixo) (interrompendo-o) Mais alto para o imbecil ouvir.

BERNARDO — (Sem a compreender) Imbecil?...

BILOCA — Vamos. Depressa.

BERNARDO — (À parte) Meu Deus... Qui agonia... (Gitirana aparece à D. conduzindo uma sela, com os competentes arreios) (bem alto) Dona Biloca... eu te amo muito... muito...

GITIRANA — (Benzendo-se.) Minha Nossa Senhora... (Segue em direção à casa, a olhar para os dois e bate com a sela em Canuto, que lhe dá um safanão)

BILOCA — (Alto) — E eu também te amo, desesperadamente.

CANUTO — (À parte) Que desgraça...

BILOCA — (Baixo) Diga que me adora.
 BERNARDO — (Alto) Eu te adoro, dona Biloca, como... (con-
 sigo mesmo) Como o quê, Bernardo?... ah... (Alto) como o
 colibrí adora as flôres... (Baixo) Gostou de vê?...
 BILOCA — (Baixo) Gostei. Mas diga mais alguma cousa. Olhe,
 agora por música. Cante que eu respondo.
 BERNARDO — Pois vamos vê lá isso dona Biloca... (Canta)
 Oh, Biloca, deslumbrante
 É a tua formosura.
 BILOCA —
 Sinto a alma radiante
 Da mais íntima ventura..
 AMBOS —
 Unidos a vida inteira,
 Por laços de infindo amor
 BERNARDO —
 Serás minha companheira
 BILOCA —
 E tu serás o meu amor
 BERNARDO —
 Terna juriti da mata
 Teu sorriso me arrebatava...
 BILOCA —
 E os teus olhos brilham tanto,
 Que são mesmo um doce encanto.
 AMBOS —
 Unidos a vida inteira
 Por laços de infindo amor
 BERNARDO —
 Minha rola feiticeira...
 BILOCA —
 Meu Bernardo sedutor.
 BILOCA — (Derretida) E agora adeus, Bernardo estremecido...
 BERNARDO — (Idem) Adeus, dona Biloca... idolatrada...
 BILOCA — (Apertando-lhe as mãos) Sempre tua. Ber...nardo...
 CANUTO — (À parte, sempre de braços em cruz) Que miséria!.
 BERNARDO — (Derretido) Sempre teu, dona Bi...loca...
 CANUTO — (À parte) — Que descarado!...
 BERNARDO — (Noutro tom) Ah, dona Biloca, já soube que seu
 irmão chegou?
 BILOCA — (Surpresa) Meu irmão? Chegou?
 BERNARDO — Faz meia hora, dona Biloca.
 BILOCA — Que agradável notícia. Corro a abraçá-lo. (Apressa-
 damente dirige-se à casa, onde entra, depois de haver ace-
 nado para Bernardo, que, acompanhando-a com o olhar,
 torce as guias do bigode com importância).
 BERNARDO — A Balbina é qui fica danada. Mas agora me digam.
 Que culpa tenho eu de ser bonito?

Cena IX

Bernardo e Canuto

CANUTO — (Aproximando-se por trás de Bernardo) — Então o senhor não se conhece?

BERNARDO — (Assusta-se. À parte). Opa... Donde diabo saiu esse? (Alto) Que qui o senhor está dizendo?

CANUTO — Estou perguntando si o senhor não se enxerga,... si o senhor não se conhece?

BERNARDO — Homem, enxergar-me a mim mesmo, eu só posso num espelho, sabe? Agora, quanto a conhecer-me, não só eu me conheço, como muita gente aqui me conhece também. E se o senhor inda não me conhece, fique sabendo quem eu sou: João Bernardo Massaranduba, mestre da música do Riacho do Sangue.

CANUTO — (Sarcástico) Sim, senhor. É um nomão... João Bernardo...

BERNARDO — (Interrompendo-o) Massaranduba... para o servir. E o senhor quem é? Faz o favor de dizer a sua graça?

CANUTO — Canuto Madruga.

BERNARDO — Homem a sua graça é até engraçada mesmo Canuto, não é? Canudo.

CANUTO — Canuto. Canuto Madruga, jumento.

BERNARDO — (Debicando-a) Hum... Canuto, Canuto Madruga Jumento. Também é um nomão... Chega até enche a boca. Canuto Madruga Jumento. Quer dizer que o Jumento Canuto Madruga.

CANUTO — (Zangando-se) O senhor quer debochar-me?

BERNARDO — Bestêra. Longe de mim tal pensamento seu Madruga. E deixe qui le diga: eu já o conhecia muito, de nome. Não vê qui o filho do coronel Serapião, chegado hoje, o Zoró, não diz duas palavras qui não meta o seu nome no meio. Porque o Madruga disse isto, porque o Madruga disse aquilo". É assim, sabe? Madruga prá cá Madruga pra lá.

CANUTO — (À parte) Que indiscreto é aquele Baneira... (Alto) Mas o senhor tem o caradurismo — para não dizer outra cousa — de vir aqui, às barbas do coronel Serapião, seduzir-lhe a filha?...

BERNARDO — Eu?... Eu nunca seduzi ninguém, seu Canudo, ou seu Canuto. Pelo contrário eu é que tenho sido seduzido algumas vezes.

CANUTO — (Troçando) Que inocência!

BERNARDO — Sim senhor. E dona Biloca é que está doidinha cá pelo João Bernardo Massaranduba. Deu de garra às minhas mãos, indagora e olha lá foi aquela carrilha: "Bernardo de minh'alma, como eu te adoro." Eu, o senhor compreende, não é? Eu também não sou de ferro, peguei a dei-

xa, e foi no mesmo diapasão: “dona Biloca... eu te adoro como o colibri adora as flores...” Que pensamentão, hein? Eu sou é cutuba...

CANUTO — O que o senhor é, é um tipo requintadamente cínico, um patifão.

BERNARDO — Alto lá seu Canuto. Eu não admito indiretas. Não admito palavra com sentido dúbio, opa! E se o senhor quer vê cum quantos paus se faz ua cangalha, é só pedir pur boca... (chega em posição de capoeira)

CANUTO — (intimidado) Não precisa zangar-se, seu Massaranduba. Eu retiro de bom grado, as expressões que o melindraram.

BERNARDO — Está bem. Mas encurte a língua, seu Canuto. Porque comigo é assim, sabe? (Gesto de capoeiragem). É na lei do Chico de Brito. (4) Facilitou mete-se em páo. Não é de balde qui eu me chamo Massaranduba. É madeirão de lei.

CANUTO — Sim senhor. Perfeitamente. Está se vendo.

BERNARDO — E passe muito bem. (Dirige-se imponentemente para a E. B., voltando-se, ao sair, para olhar para Madruga que foge com a vista)

CANUTO — Que tipo esse!... (Ponciano aparece à porta) Oh, Ponciano... (Este desce) E então?...

Cena X

Ponciano e Canuto

PONCIANO — (Com entusiasmo) Ah meu velho que criaturinha interessante. Cativa, seduz, fascina a gente logo à primeira vista. E que meiguice na sua fala... que magia no seu olhar.

CANUTO — Eh... Que diabo!... Não vás com tanta sede ao pote,

PONCIANO — E é instruída. Discorre sobre qualquer assunto, com uma desenvoltura encantadora.

CANUTO — Se foi educada na capital.

PONCIANO — Logo se vê...

CANUTO — Já passou o tempo do carrancismo em que os sertanejos não mandavam ensinar às filhas para que estas não escrevessem aos namorados.

PONCIANO — (Entusiasmado) Mas que criaturinha adorável!... Olha: Archimedes, encontrando a incógnita da densidade dos corpos, não gozou mais íntima satisfação do que eu, ao se me deparar tão rara pérola sertaneja...

CANUTO — Mas que entusiasmo!...

PONCIANO — Fiquei enlevado... extático... como se houvesse surgido aos meus olhos deslumbrados uma aparição divina... Ouvindo-a tão afetuosa, tão terna, dar-me o tratamento de irmão, senti uma suavidade inefável, um bem-estar indefinível invadir-me a alma, carinhosamente.

(4) Dito popular.

CANTA

Ante o seu perfil querido
Fiquei extasiado
E de todo embrevecido,
Me senti logo empolgado.
Eu jamais, em minha vida,

Senti tal impressão,
Que me levou de vencida
O indomável coração.

Eu não sei como explicar
Tão rara transformação, (Bis)
Para mim é singular
Tão estranha sensação...

Escutando a sua fala,
Ungida de tanto amor,
Comecei a adorá-la.
Com o mais santo fervor.

Eu jamais, em minha vida,
Senti tal impressão,
Que me levou de vencida
O indomável coração...

CANUTO — Oh! Que sentimentalismo... Lembra-te de que trabalhas por minha conta. Não te vás apaixonar...

PONCIANO — Ah!, meu amigo, esta sensação, até então desconhecida para mim; essa impressão moral que me empolgou de súbito e jamais por mim experimentada, tem a sua explicação. Posso dizer, que não tive pais.

CANUTO — (Troçando-o) És então, um representante nato da geração espontânea.

PONCIANO — (Continuando) Perdi-os, bem criança ainda e fiquei só no mundo, órfão de afetos e de conselhos amigos. Ao ver-me hoje tratado com essa solicitude, com essa afaibilidade cativante é natural que a minha alma se sensibilizasse de tal forma.

CANUTO — Estou te desconhecendo...O estróina, o boêmio, o descrente que és a falar em alma, em sensibilidade, em impressões morais... Sim senhor!...

PONCIANO — Não admira que estranhes. Pois se eu mesmo estou me desconhecendo...

CANUTO — (Batendo na testa) Ah... Preciso avisar-te que não será tão fácil, como eu a princípio supus, conseguires amoldar o coração de tua suposta irmã a meu favor. Temos moiro na costa...

PONCIANO — Como? Queres dizer com isto?

CANUTO — Que ela já tem um apaixonado. Bem que me queria parecer...

PONCIANO — Um apaixonado?!

CANUTO — Sim. Um músico vagabundo, que dirige a charanga daqui. Um tipo à toa, um leguelhé. Encontrei-os há pouco aqui... arrulhando.

PONCIANO — Pois é possível?... Que desilusão. (Fica a pensar, triste, cabisbaixo) (Balbina aparece à D. B. em direção à casa de Serapião)

Cena XI

Ponciano, Canuto e Balbina

CANUTO — (Voltando-se vê Balbina) Olá, pequena! Vem cá. (Balbina aproxima-se) De onde és?

BALBINA — (De olhos baixo) Eu sou daqui mesmo.

CANUTO — Pergunto onde moras.

BALBINA — Eu moro é im casa de meu padrim.

CANUTO — (Catucando Ponciano com o cotovelo, baixo) Olha que matuta engraçadinha... (Alto à Balbina) E teu padrinho quem é? (Ponciano sobe descendo depois à D.)

BALBINA — (Sempre acanhada) É seu capitão Cariolano. Eu sou fia do finado difunto Reimundo Cotia, mais dêсна de pequenina qui eu moro cum meu padrim Cariolano. Num vê qui minha mãe teve vinte fio. E antonce meu pai deu eu mode meu padrim criá.

PONCIANO — Vinte filhos? Que proliferação!

BALBINA — Nós era vinte, inhô sim. Mais porém, fumo morrendo, fumo morrendo... e hoje só semo oito.

PONCIANO — Então vocês foram morrendo, foram morrendo...

CANUTO — É. Deu-lhe o tango, deu-lhe o mango, de vinte ficaram 8.

BALBINA — Foi assim mesmo, inhô sim.

PONCIANO — E o teu nome?

BALBINA — O meu nome é Balbina da Purificação.

CANUTO — Pois, Balbina, tu és uma matutinha bonita, graciosa, como bem poucas. Já tens algum namorado?

BALBINA — Eu tenho, inhô sim. O João Bernaldo Massaranduba.

CANUTO — (À parte) Oh, mas esse tal Massaranduba é uma rede de arrasto...

PONCIANO — És realmente uma linda flor silvestre, Balbina.

CANTA

PONCIANO —

Da rosa tens o perfume
Inebriante e sutil

CANUTO —

E a palmeira tem ciúme
Desse teu porte gentil

BALBINA —

Quanto inlogios... Ou xente...

Qui calô...

Que calô eu espromento...

Chega fico assim, tremente,

Como a flô,

Como a flô que de repente,

Sem vigô,

Sem inclina, ao sopro do vento...

PONCIANO —

Teu gorjeio é semelhante

Ao trinar do rouxinol...

CANUTO

E o teu olhar fascinante,

É como um raio do sol...

(Os três repetem a segunda parte)

Cena XII

Os mesmos, Serapião, Biloca e Nastaça

SERAPIÃO — (Entrando com Biloca) Tá nimado ist'aqui... Oh, seu Madruga, já cunhece o Zoró?

CANUTO — Travamos relações agora mesmo, coronel.

PONCIANO — (Que tem ido ao encontro) Biloca, (Pega-lhe nas mãos) Havemos de ser muito amiguinhos.

BILOCA — Sim. Muito.

SERAPIÃO — Óia quem tá qui, Biloca: a Balbina.

BALBINA — Eu truve recado pá seu curuné. Meu padrim mandou dizê qui inda num vêi pá janta porque minha madrinha, agora de tarde, tem tado mais pió da izipra. Mais qui num deve demorá.

SERAPIÃO — Tá dereito, nós ispera pulo cumpade (Noutro tom para Ponciano) Tu já braçou a Biloca, Zoró?

PONCIANO — Já, meu pai.

SERAPIÃO — Já beijou ela? (Canuto arregala os olhos)

PONCIANO — Não me atrevi, meu pai.

SERAPIÃO — Ist'é farta de costume...

PONCIANO — Creio que sim meu pai. Mas depois que eu me acostumar, vocês vão ver... Hei de desferrar-me! Hei de tirar o atraso...

CANUTO — (Puxando-o pela aba do paletó; baixo) Oh, desgraçado... O que é isto?

CORIOLOANO — (Com um jornal na mão) (Entrando alvoroçado) Meu cumpade, minhas alviça...

SERAPIÃO — O que foi, home? O Chico Tele morreu?

CORIOLOANO — Mió do qui isso, meu cumpade. Seu manjô Chico Tele foi demitido de Perfeito.

TODOS — Dimitido?

CORIOLOANO — E vamicê foi alumiado Perfeito e chefe do gunverno no Riacho do Sangue. Tá qui a foia c'a notícia.

SERAPIÃO — Ou qui alegrão, cumpade... Adispois de tá debaixo tanto tempo... Si eu já tivesse jantado, era capaz de tê agora um surto d'incongestão.

PONCIANO — Parabéns, meu pai.

CANUTO — Venha de lá um abraço coronel. (Abraçam-se)

CORIOLOANO — Esse meu cumpade Sarapião nasceu impilicado... (Entram vários matutos que dão vivas ao coronel Serapião ao tom de uma charanga e ao espocar de foguetes).

SERAPIÃO — Brigado, minha gente. O meu pógrama de gunverno vai sê de justiça e de acordo cum as lêzes; pros carlujonaro — potreção; pros adaversaros cadeia.

(CANTA)

Cá no Riacho do Sangue
Vou agora mandá chuvê
De riba de novo estou...
Quem haverá de prevê!

SERAPIÃO —
Cá

CORO —
No Riacho do Sangue

SERAPIÃO —
No Riacho do Sangue

CORO —
Vai agora mandar chuvê...

SERAPIÃO —
Já

CORO —
Não está mais de baixo

SERAPIÃO —
Eu debaixo não tou

CORO —
Quem podia prever aqui

SERAPIÃO —
Ai
CORO —
Daquele que não for
SERAPIÃO —
Daquele que não for
CORO —
Sempre a seu favor...
SERAPIÃO —
Pois
CORO —
Já está no poder
SERAPIÃO —
No podê já estou
CORO —
Quem podia prever?
SERAPIÃO —
Meu pógrama de gunverno
Só na justicia s'esteia
P'ros amigo — potreção
P'ros inimigos — cadeia...
SERAPIÃO —
Só
CORO —
A proteção terá
SERAPIÃO —
Meu apoio terá
CORO —
Quem o acompanhar olá...
SERAPIÃO —
Pois
CORO —
É agora o mandão.
SERAPIÃO —
Sou agora o mandão
CORO —
O mandão do lugar... Olá...
SERAPIÃO —
Quem...
CORO —
Deve danado estar
SERAPIÃO —
Deve estar enfiado
CORO —
Enfiado a valer

SERAPIÃO —

É

CORO —

O pessoal do major

SERAPIÃO —

Por me ver no poder

CORO —

Quem podia prever?

Fim do segundo ato

TERCEIRO ATO

(O mesmo cenário dos atos anteriores. É ao alvorecer. Sobe o pano lentamente, enquanto a orquestra executa um trecho apropriado. O dia vai pouco a pouco clareando. Ponciano, preparado para a caça, espingarda a tiracolo, abre a porta e atravessa a cena saindo à D. B. Pouco depois Biloca aparece e canta a parte final da música.)

Cena I

BILOCA —

Quanto é deslumbrante
Esta manhã, tão bela
 E tão radiante
Em que, com ardor,
Trinam os pássaros
 Canções de amor
Plena de carinhos,
 Pela floresta
A orquestra dos ninhos
Irrompe em festa,
 louçã
Quando desponta
O raiar da manhã
 É um prazer escutar
Estes lindos gorjeios de amor...
 É um prazer despertar,
A ouvir este doce rumor...

Cena II

Biloca e Ponciano

PONCIANO — (Alegre, surgindo à D.) — Bravos... Tem mais encanto o teu gorjeio do que o trinar dos próprios pássaros... Bom dia, minha muito amada irmã.

BILOCA — (Risonha) Bom dia. Madrugaste.

PONCIANO — Andei aqui por perto a ver se encontrava alguma caça. Nada vi que merecesse um tiro, só vi mesmo pássaros mas a estes seria crueldade trucidar.

BILOCA — De certo.

PONCIANO — (Espirando o olhar em torno) Mas como são alegres estas alvoradas no campo... Tudo é luz, tudo é riso, canto e seivo.

BILOCA — Tens gostado, hein?

PONCIANO — Pois claro. Cria-se alma nova na contemplação deste cenário, soberbo de doçura; os campos, matizados de flores, as estradas ensombradas de arvores tranqüilas de onde irrompe a orquestra dos pássaros em festa.

BILOCA — É lindo mesmo.

PONCIANO — Da janela de meu quarto, alongando a vista pelo campo em fora, eu vejo a chuva que cai nos canteiros verdejantes. E a igreja, lá no alto tem então o aspecto de uma atalaia silente, envolta num véu de neblina.

BILOCA — Estás um verdadeiro poeta.

PONCIANO — (Com sentimento) É que eu me sinto outro, minha irmã, física e moralmente outro, purificado por esta simplicidade aldeia, por estas paisagens tranqüilas, onde as palmeiras abrem suas copas, como verdes ventarolas, aos beijos puros da brisa.

BILOCA — Não avalias como me alegra o coração, ver-te assim tão rapidamente identificado com o viver da nossa gente rústica. Ainda ontem, — contaram-me, — andaste a cavaquear alegremente com os nossos trabalhadores do campo. Isto far-te-á estimado por todos, meu caro irmão.

PONCIANO — Ah... E como eu admiro estes nossos matutos... Sinceros, bons, laboriosos. Auscultei-lhes, ontem, o coração e o espírito. Colocam acima de tudo a honra da família, — acima até da própria vida, — e vivem tranqüilamente refugiados na fé inabalável no Criador dos mundos, no culto sereno à Virgem das Virgens, desconhecendo, por completo, as angústias cruéis da negação... Ah, felizes os que crêem, minha irmã...

BILOCA — Mas tu crês.

PONCIANO — Depois que te vi, eu comecei a crer.

BILOCA — Como me sinto feliz em te ouvir falar, meu querido irmão.

PONCIANO — E mais ditoso me sinto eu a teu lado. Por ti tratado com tão dulçoroso afeto.

BILOCA — E tu bem o mereces.

PONCIANO — Olha; a teu lado desejava viver os dias que me restassem de vida, na quietude destes campos, engrinaldados de flores.

Cena III

Biloca, Ponciano e Serapião

SERAPIÃO — (Aparecendo à porta) Olá... Vocês acordaram munto cedo hoje... (Desce)

BILOCA — Sua benção, meu pai.

SERAPIÃO — Deus te dê muntos ano de vida, Biloca.

PONCIANO — Sua bênção, meu pai.

SERAPIÃO — Deus te faça feliz, Zoró, e te livre d'ua muié como a Nastaça.

BILOCA — (Para Ponciano) Queres um copo de leite?

PONCIANO — Não te incomodes por minha causa.

BILOCA — Vou buscar. (Dirige-se à casa e entra)

SERAPIÃO — Antonce tu, mal culariou o dia, ganhou o ôco do mundo. Passou a perna im nós todo. Inté na Biloca, qui é quem acorda primeiro qui todo.

PONCIANO — Ora quando eu sai ela, certamente, ainda estava nos braços de Morfeu

SERAPIÃO — O que?... Iss'a gente num diz nem pro caçoada. Zoró...

PONCIANO — Quero dizer, meu pai, que quando eu saí ela ainda dormia.

SERAPIÃO — Tá bom.

PONCIANO — Fui atrás de matar alguma caça, mas não encontrei cous'alguma.

SERAPIÃO — Ou home. Aqui tem munta caça. Ói: mocó é o páo qui hái, tijuassú é cuma terra; preá, cada um... (faz o tamanho)

PONCIANO — Eu nada vi.

SERAPIÃO — Apois tem. É proquê tu não soube procurá (Biloca entra com um copo de leite)

BILOCA — Pega meu irmão; bebe. Ainda está quentinho.

PONCIANO — Pois tomaste o incômodo?... (Recebe-o, bebe)

SERAPIÃO — (À parte) Chega apoiou... Só garrote...

PONCIANO — (Depois de beber) É o suco.

SERAPIÃO — (À parte) Só se fô suco de vaca.

PONCIANO — Muito obrigado, Biloca. És uma pérola. (Entrega o copo).

BILOCA — Não precisas agradecer-se (Sobe e entra em casa. Ponciano a acompanha com o olhar caricioso)

SERAPIÃO — Óia, Zoró, vou te fazê um pedido.

PONCIANO — Um pedido de meu pai, é uma ordem para mim.

SERAPIÃO — É pra tu nunca dizê, na presenca de tua irmã certas palavras, assim a modos qui abscena.

PONCIANO — O que, meu pai? Eu? Eu proferir palavras obscenas em presenca de minha irmã?

SERAPIÃO — Tá se fazendo d'inocente... Agora mermo tu te saiu aí cum esse negoço de suco.

PONCIANO — Mas isto é um ditado muito em voga, meu pai. "É suco", quer dizer: é o sumo, é o extrato, é a última palavra.

SERAPIÃO — Eu num sei disso. O qui sei é qui d'istante instante tu sorta cada palavrão dos dianga... Têja quem tivé... (Noutro tom) “É buraco...” “É canja...” “É suco”... “Ua zona”... “À bessia”...

PONCIANO — São cousas da época, meu pai. Lá na capital, muita gente traz sempre engatilhado aos lábios, um ditado desses. É chic...

SERAPIÃO — O qui é é munto do indecente.

Cena IV

Ponciano, Serapião e Canuto

CANUTO — (Entra da E.) Venerando e famigerado chefe governista do Riacho do Sangue. (Cumprimenta)

SERAPIÃO — Munto bom dia, seu Madruga.

MADRUGA — (Para Ponciano, passando) Ó insigne rebento dos Bomsucesso.

PONCIANO — Como vais, Madruga?

CANUTO — Vou furando a vida, sem que chegue jamais ao ideal sonhado.

PONCIANO — E o teu ideal qual é?

CANUTO — Viver feliz, ao lado daquela que sabes, de barriga cheia, trabalhando o menos possível e sempre o mais que for possível.

PONCIANO — É o ideal... elevado à altura de um princípio.

CANUTO — E tu estás satisfeito?

PONCIANO — Satisfeitíssimo. Aqui no campo, é que se pode verdadeiramente gozar a volúpia da vida.

CANUTO — Ótimo título para um filme cinematográfico. (Para Serapião) Então coronel, após tantos anos de ostracismo, volta o senhor à tona política, hein?

SERAPIÃO — À tona?

CANUTO — Quero dizer, à superfície. É como se o coronel houvesse dado um longo mergulho e agora aparecesse à tona d'água.

SERAPIÃO — É verdade, seu Madruga, marguei pru munto tempo, mais agora tou arrispirando c'a cabeça de fora. O Chico Tele é qui deve tá di caldo. Os curulijunaro dele tão todim adérindo a eu inté o Chico Berimbáo.

PONCIANO — Chico Berimbáo?

SERAPIÃO — O nome dele é Chico Rebelo, mas nós pelidou ele aqui de Berimbáo. Proque ele tem um jornal e antonce os inscrivinhados dele são sempre a merma coisa. Num varêia. É vê um berimbáo.

PONCIANO — E há jornal aqui?

SERAPIÃO — Hai. “A Picareta”.

CANUTO — O nome é sugestivo.

SERAPIÃO — M'insurtou cuma num sei qui diga; só pá sê agrave o Chico Tele, pareceiro dele. Agora viu o Chico Tele de baixo... bumba, passou pro meu lado. Num vê qui a Perfeitura dá ua suvenção pra foia dele.

CANUTO — E esse Berimbáo o insultou muito coronel?

SERAPIÃO — Dixe o diabo. Mais só de adespitado.

PONCIANO — Ah o despeito e a inveja fazem muita cousa. O despeitado ou o invejoso é como um cão que ladra.

CANUTO — E ele escreve artigos que interessem?

PONCIANO — Sobre a agricultura, por exemplo?

SERAPIÃO — Qual o que home. S'ele num intende disso. Nunca foi aguircutô? Só sabe é acriticá.

PONCIANO — Isto meu pai, é qui, é no Amazonas é em toda parte. Há muitos símiles desse Chico Berimbáo por aí afóra. Há muito palerma que se mete a criticar coisas que não entende e o resultado é dar com os burros n'água.

CANUTO — É. A confraria dos Berimbáos é infinita...

PONCIANO — Mas, mudando de assunto: agora que meu pai se acha investido da chefia política do Riacho do Sangue, pode muito bem candidatar-se a deputação.

CANUTO — Ai, ai, ai. Já se vê.

SERAPIÃO — Qui diacho de nome foi que tu dixeste, Zorô?

CANUTO — Quer dizer: candidatar-se a deputado. Embora não passe de candidato sabe? Mas já é alguma coisa.

SERAPIÃO — Ah, e eu tenho déreitos adéquirido. Há quorent'ano qui labuto na política.

PONCIANO — Uma vez eleito, o seu programa deverá ser — rumo ao campo.

CANUTO — Perfeitamente.

PONCIANO — Apresentará à Assembléia um projeto incrementando a pecuária.

SERAPIÃO — Pecuária? Qui dimonhe é pecuária?

CANUTO — Pecuária, coronel, é a arte que ensina a criar e a tratar do gado.

PONCIANO — É isso mesmo Madruga.

SERAPIÃO — Tá bom eu sei. Tirá os carrapato.

PONCIANO — (Interrompendo-o) Apresentará outro projeto, fomentando a lavoura, instituindo aos agricultores prêmios que os estimulem a reformar os arcaicos processos agrários...

SERAPIÃO — (À parte) Ohi... qu'imbruiada... Macacos me lamba s'eu sei qui dimonho é isso...

PONCIANO — (Voltando-se) Ah... Torna-se também imprescindível, um projeto de lei proibindo, em absoluto, a matança de vitelas.

SERAPIÃO — Vi o que, rapaz? Telas?

PONCIANO — Sim meu pai. Vitelas. Não sabe o que é uma vitela?

SERAPIÃO — Sabê eu sei. É proque tomem assim de momento, eu num me alembro.

CANUTO — Mas sabe o significado da palavra, não?

SERAPIÃO — Seio home. Seio.

PONCIANO — Vitelas é uma vaca.

SERAPIÃO — (Interrompendo-o) Ah, vitelas é ua vaca. Eu num dixei qui sabia...

PONCIANO — (Continuando) ...é uma vaca parvula.

SERAPIÃO — (Interrompendo-o) Párvula?...

CANUTO — Parvula.

SERAPIÃO — Iss'agora eu num seio que qui é não.

PONCIANO — Quer dizer, de menoridade.

SERAPIÃO — De menó idade?... Qui trapaiada.

CANUTO — De dois a três anos.

SERAPIÃO — Antonce, é novia de vaca, home...

PONCIANO — Mas o termo não é parlamentar. O que é parlamentar. E assim sendo não é conveniente o senhor ir na Assembléa falar em novilha de vaca. É mais decente falar em vacas parvulas de menoridade, que são aquelas que ainda não chegaram à idade adulta.

SERAPIÃO — Adultra?... Apois tu logo num vê, Zoró, qui eu num sou idiota móde i pá Sembréa cum esses inscandêlo. (Ponciano e Canuto a custo contém o riso). Ora, improibí a matança das vacas parvula de menó idade, qu'inda não são adultras... Seu fosse pra lá cum essas besteira, eu ach'a sa'ia de lá mais era a toque de gaita.

PONCIANO — Pelo contrário. Se meu pai fizesse o que acabo de aconselhar a nossa população rural havia de elevá-lo aos cornos da lua.

SERAPIÃO — (Espantado) Os cornos da lua? E a lua tem chifre Zoró?

PONCIANO — Deve os ter.

CANUTO — Pelo menos a expressão é muito usada.

SERAPIÃO — Apois era perciso qui tu vinhesse dos Almazonas mode eu ficá sabendo c'a lua tinha chifre...

PONCIANO — Pois os tem. E se meu pai apresentasse os projetos de que falei seria elevado aos seus cornos respectivos.

SERAPIÃO — (Sarcástico) Munto brigado. Haverá de sê inté ingraçado, eu nos chifes da lua dando adeus pra vocês dois, lá de riba...

CANUTO — O coronel vai fazer um figurão na Assembléa Estadual.

SERAPIÃO — Ah. Lá isso vou mêrmo.

CANUTO — Pode até ir preparando logo os discursos.

PONCIANO — Eu me encarrego de os escrever. Vão ficar obra fina...

SERAPIÃO — Quand'eu abri a boca lá... vai sê aquele distampatoro. (Em tom oratório) Meus irmões... (Ponciano e Canuto, estoirando para rir, a custo disfarçam).

CANUTO — Irmãos o que, coronel.

SERAPIÃO — Tem razão, home. É proque... num vê qui eu tou acostumado c'os sermões de seu vigaro. (Noutro tom) Eu vou começá na Sembréa é assim. Senhora do Conseio de Sentença... (Ponciano e Canuto não podendo conter a hilaridade, disparam à gargalhadas).

PONCIANO — Qual Conselho de Sentença, meu pai...

SERAPIÃO — Mais o Zuzado cumpade Fostino qu'é adevogado prunvinsonado, começa é assim no Júri: "Sinhere do conseio de sentença".

PONCIANO — Isso é no Júri, meu pai. Lá é outra coisa. O senhor deve tratar os deputados é assim: "Meus nobres colegas", ou então (Declamando) "Ilustres representantes do Poder Legislativo do Estado: porque isto, porque aquilo, porque aquilo outro; porque assim, porque assado..."

SERAPIÃO — Você tá doido... Iss'é lá discurso... (Arremedando-o) "Porque isto, porque aquilo, porque aquilo outro; porque assim, porque assado..." E, arfinal, num dixे nada... Eu lá vou pá Sembréa cum esse negoço de assado.

PONCIANO — Isso são modos de falar, meu pai, (Noutro tom) Ah, ia-me esquecendo do principal. Faz-se preciso que o seu primeiro projeto seja mudando o nome desta localidade.

SERAPIÃO — Mudá o nome o Riacho do Sangue?

CANUTO — É um nome muito espora.

PONCIANO — Em homenagem à sua pessoa, meu pai o Riacho do Sangue deverá passar a denominar-se Serapianópolis.

CANUTO — Bravos... Que idéia.

SERAPIÃO — Que diabo é isso... Se... Será... Serapianópolis. É inté difrici da gente dizê.

PONCIANO — É uma palavra composta com o seu nome meu pai. Não temos Petrópolis em homenagem a Pedro II? Florianópolis, em honra a Floriano? É justo que tenhamos também a nossa Serapianópolis, em homenagem ao coronel Serapião.

CANUTO — Muito bem. É uma idéia estupenda. (Noutro tom) Ah, é verdade, tu não achas Bandeira (Batendo nos lábios) ou, Zorobebel, que o coronel devia raspar esse bigode escandaloso? (Ponciano cumprime o riso)

SERAPIÃO — Rapá o bigode?

PONCIANO — Já não se usa, meu pai. O senhor vê, hoje é tudo assim. (Passa o dedo no bigode raspado) Desde o mais graúdo.

SERAPIÃO — Mais tu logo num vê, Zoró, qui eu num hei de adispois véi rapá o bigode...

CANUTO — Fica muito melhor. Com a aparência de mais moço.

PONCIANO — E senta no senhor... Tem o rosto cheio...

CANUTO — Olhe, si o coronel aparecesse hoje na capital com esse bigodão era capaz de ser vaiado.

PONCIANO — E o senhor que pretende ir em breve tomar assento na Assembléia!

SERAPIÃO — Antonce esse negócio de bigode...

PONCIANO — É coisa do tempo da onça.

SERAPIÃO — E báiba?

CANUTO — Pior um pouco.

SERAPIÃO — Só mermo prá pai de chiqueiro.

PONCIANO — Só. (Canta)

Andar barbado já não se pode
Tudo hoje raspa barba e bigode...

CANUTO —

Com um tipo da praça
Ficará remoçado...

SERAPIÃO —

Qui diria a Nastaçã...
Si me visse rapado

PONCIANO

Na cidade quem é que pode?
Passear sem que tenhas raspado

CANUTO — Ai ai ai.

SERAPIÃO — (Admirado) O que home?

PONCIANO — Barba e bigode.

CANUTO — O bigode é uma cousa antiquada, anti-higiênica, anti-estética.

PONCIANO — E anticosmética. Quem usa bigode, hoje é gente do povo.

SERAPIÃO — Apois eu vou desta viagem na casa do Zé Sibite, báibeiro (5) (Vai a sair. Ponciano e Canuto olham um para o outro e ficam a estoirar de riso) (Voltando-se) E a Nastaçã, home que qui num dirá quano vi eu rapado? É capaz de s'ispritar...

CANUTO — Não se incomode com isso. Coronel!

PONCIANO — (Passando) É, si ela reclamar qualquer cousa, o senhor poderá dizer-lhe: (Declamando) “Senhora, só se vê bigodes, hoje em dia, nas camadas inferiores da sociedade”.

SERAPIÃO — Cuma foi, home? Diz lá isso de novo.

PONCIANO — “Senhora, só si vê bigodes hoje em dia nas camadas inferiores da sociedade.”

SERAPIÃO — Tá munto bom. (Saindo) Deix'aquela guariba vim cum lambança pra minha banda... (Sai a D. declamando) Sinhora só se vê bigodes, hoj'im dia... (Ponciano e Canuto disparam às gargalhadas)

(5) Proprietário de barbearia próxima do Grêmio D. Familiar, na Av. Visc. do Rio Branco. É citado como se habitasse no local de ação da peça

PONCIANO — Mas isto é uma perversidade. Para que foste meter tal cousa na cabeça do pobre velho... Raspar o bigode.

CANUTO — E tu também não me ajudaste a convencê-lo? (Rindo) Quando a mulher o vir com o carão raspado... (Faz com os dedos sinal de sorrar).

PONCIANO — E ele está levando a história de deputado a sério...

CANUTO — Está. Acaba doido.

PONCIANO — (Noutro tom) É uma alma boa um grande coração... E eu já o estimo sinceramente...

CANUTO — Ah, já falaste à pequena a meu respeito?

PONCIANO — Inda não. “É cedo ainda ó pálido coveiro?”. Posso, porém, afiançar-te que ela não tem nenhum apaixonado.

CANUTO — Não tem? E o tal Massaranduba? Eu vi...

PONCIANO — Aquilo foi um ardil, — disse-me ela, — para ver se conseguia desiludir, de uma vez, um imbecil, que anda a arrastar-lhe a asa.

CANUTO — Ah! Então ela me viu aproximar e serviu-me do tal Massaranduba para representar aquela cena ridícula?

PONCIANO — (Rindo) O quê? Pois o imbecil eras tu?

CANUTO — Agora, mais do que nunca, Bandeira faz-se preciso domar aquela pantera. E, para isto, conto com a tua dedicação.

PONCIANO — Poder contar. Hei de desenvolver todos os esforços imagináveis.

CANUTO — Bom. Vou dar uma vista d’olhos ao serviço e mais tarde aqui me terás novamente (Vai a sair. E, voltando-se) Olha: nada de liberdades, viu? Nada de intimidades com a pequena...

PONCIANO — (Aproximando-se) Mas são fraternais...

CANUTO — Nada. Vê-se arranjas o negócio sem te adiantares muito. (Sai E.)

PONCIANO — (Só, rindo) Vai te fiando nisso, meu idiota. (Noutro tom) Ah, vou ver se ainda chego a tempo de impedir que o pobre velho raspe o bigode... (Sai D. B.)

Cena V

Bernardo e Biloca

BERNARDO — (Entra da E. fardado e vai à porta de Serapião) Seu coronel...

BILOCA — (aparecendo) Não está. (Reconhecendo-o) Olá, já está enfronhado no fardamento?

BERNARDO — Vim apresentar-me a seu coronel, e agradecer a dona Biloca ter-me arranjado esta colocação.

BILOCA — Deu-me trabalho consegui-la. O papai não queria nem ouvir falar no seu nome.

BERNARDO — Assim, dona Biloca?

BILOCA — Só depois de muita relutância, resolveu nomeá-lo. Isto, sob a condição expressa de despedi-lo à menor falta que cometa.

BERNARDO — Eu já estou regenerado, dona Biloca. A senhora devo este milagre. (Noutro tom). E ele já sabe que nós nos amamos dona Biloca?

BILOCA — (Surpresa) Que nós nos amamos?

BERNARDO — Sim, dona Biloca. Eu amo a senhora... a senhora me ama... logo, nós, nos amamos. Eu amo, tu amas, ele ama, nós amamos... A conjugação está certa D. Biloca.

BILOCA — Não está seu Bernado.

BERNARDO — Falta o objeto direto, dona Biloca?

BILOCA — Falta, que é a Balbina.

BERNARDO — A Balbina fica sem efeito dona Biloca.

BILOCA — O senhor labora num erro seu Bernardo. Nada há de comum entre nós dois.

BERNARDO — Meu Deus... E aquilo que se passou entre nós, dona Biloca? Já se esqueceu tão depressa? (Declamando) “Bernardo da minh’alma”... “Dona Biloca”.

BILOCA — (Interrompendo-o) (Rindo). Aquilo foi uma fita.

BERNARDO — (Desalentado) Ah... (Noutro tom) Foi uma fita, dona Biloca?

BILOCA — Foi, sim; um estratagema, para ver se tirava as esperanças de certo tipo que tinha a pretensão de namorar-me.

BERNARDO — E eu estava levando o negócio a sério dona Biloca. Estava tomando gosto pela cousa. Nem procurei mais a Balbina.

BILOCA — Pois deve procurá-la.

BERNARDO — Está bem, dona Biloca. E se a senhora precisar de novo cá do Massaranduba pra representar outra tragédia daquelas pode dispor, dona Biloca, pode dispor com franqueza...

BILOCA — Muito obrigada.

Cena VI

Biloca, Bernardo e Coriolano

CORIOLOANO — (Entrando da D) Biloquinha, cumpade tá im casa?

BILOCA — Não senhor. Saiu.

BERNARDO — (Passando militarmente) — Seu capitão, permita que lhe faça a continência devida, como meu superior (Noutro tom) Como é o nome, Bernardo? — Ah, hierárquico. Opa.

CORIOLOANO — Deixe de palavriado. Que qui significa vamicê medido nessa farda?

BILOCA — É o novo comandante da guarda local.

CORIOLOANO — Ora faça idéa.

BILOCA — Ele prometeu endireitar a vida. E si assim for, espero que o senhor cumpra a promessa que me fez, de consentir no casamento dele com a Balbina.

CORIOLANO — Tá dêreito, menina. O que eu dixei, assustento.

NASTAÇA — (Dentro de casa) Ou Biloca...

BILOCA — Mamãe está a chamar-me. Vou ver o que ela quer. Com licença. (Entra em casa).

CORIOLANO — Eu primiti. Mas vamicê entrá nos eixo é a coisa mais difícil do mundo. É mais fáci um bode dá leite.

BERNARDO — E já se tem visto isto, seu capitão, já se tem visto. Eu li nos jornais.

Cena VII

Bernardo, Coriolano e Serapião

SERAPIÃO — (Entrando da D. com o bigode raspado) Oh, cumpade Cariolano.

CORIOLANO — (Espantado) Cumpade Serapião!... É você mermo? C'á cara rapada?

SERAPIÃO — É a moda, cumpade. E você tem de rapá tomém.

CORIOLANO — Eu não.

SERAPIÃO — (Para Bernardo) E tu que qui qué?

BERNARDO — (Passando militarmente) Seu coronel eu... (Vira o rosto, a custo contendo o riso) Seu coronel eu vim... (comprime os lábios com a mão esquerda) eu vim me apresentar a V. Sa. (Faz ingentes esforços para não rir, mordendo os lábios)

SERAPIÃO — Agora vá fazê das sua. Na premeira arte qui fizé, vai pra rua, lambê imbira.

CORIOLANO — Pur ele sê o qui é, cumpade, foi qui eu arripunei, a pé junto, o casamento dele c'a Barbina. Um malandro. Sem feiti po trabaio...

BERNARDO — Lá isso não seu capitão. Malandro não. A minha vida é um epitáfio.

SERAPIÃO — Um pitáfio...

BERNARDO — Desna de pequeno assim quando todo menino só cuida de jogar peão e empinar arraias, comecei a ganhar, honradamente, a vida, o pão nosso de cada dia. Duro como o não sei qui diga... e sem manteiga. (Noutro tom). Comecei a vida, como guia de cego...

CORIOLANO — Tá vendo cumpade? Foi guia de cego... Eu logo vi...

BERNARDO — Profissão decente e honesta. (Noutro tom) Naquele tempo além do flautim eu já arranhava qualqué coisa na rabeça. Rua acima rua abaixo lá ia eu... (Noutro tom) com licença. (Pega a bengala de Coriolano) Lá ia eu puxando o desgraçado. (Noutro tom para Coriolano) Se-

gure aí por obséquio. (Dá alguns passos) Assim, sabe? Pela ponta do cacete. (Noutro tom) Ele até se parecia com o senhor capitão.

CORJOLANO — (Puxando a bengala) Podia se paricê era c'o di-monho.

BERNARDO — Em cada porta, ele abria a güéla e tome mécha: “Filhos da Virge Maria eu peço é pur caridade”... E a rabequinha era só; con-en co-en, con-en con-en, con-en con-en, con-en. Ele cantava p'rum lado, e eu tocava pro outro E só se ouvia, por toda parte: “Perdoe irmão” Deus lhe favoreça”, “Não tem dinheiro trocado, agora”. Ninguém tinha dinheiro trocado. Lá uma vez ou outra, — era uma raridade, — alguma alma mais compadecida, dava um pedaço de pão de três dias, uma chicara de farinha, uma bolacha mofada, ou alguma pacova já podre.

SERAPIÃO — Qui dimonhe é pacova.

BERNARDO — É banana, coronel.

SERAPIÃO — Tá bom.

BERNARDO — Quando davam qualquer cousa, lá vinha de novo a cantarolar: “Deus le pague a sua esmola com prazer e alegria...” E a rabequinha era no mesmo conseguinte: con-en, con-en, con-en, con-en, con-en, con-en, con-en, con-en. Saudosa que nem uma bacorinha atrás da porca...

SERAPIÃO — Eu avalúo...

BERNARDO — A noite recolhíamos à barraca, onde morávamos, nas Cambirimbas (6) Eu, cançado que não me podia ter nas pernas. E o pobre cego rouco, que não dizia nem bolacha.

CORJOLANO — Qui vida adevvertida...

BERNARDO — De guia de cego passei a caixeiro de um carcama-no. Ainda hoje arroto macarrão.

SERAPIÃO — Era um teco-teco.

BERNARDO — Qual teco-teco. Era dono de uma loja. Um lojão. Eu não tinha descanzo. Era só no carrinho de mão. Bota mercadoria pra fóra, bota mercadoria pra dentro. (Noutro tom) No começo, eu não entendia nada do engrolado dele. Quando me apresentei, ele foi logo bodejando: “Las-ciate ogn speranza, ó voi ch' intrate...”

SERAPIÃO — Iss'é lá lingua de gente...

CORJOLANO — É o que...

BERNARDO — Como vi chiamate? Eh?... E eu... moita. Sabia lá qui diabo era aquilo... E ele: “Oh, signore... Ma che bar-baro... Che peccato... Non capica niente... Non parlate italiano. Per la madona.”

SERAPIÃO — Intendeu, cumpade?

CORJOLANO — Eu não.

(6) Bairro pobre da Fortaleza antiga.

SERAPIÃO — Nem eu.

BERNARDO — A primeira coisa que o desgraçado fez foi mudar-me o nome. Em vez de João Bernardo Massaranduba passou a chamar-me “Giovanni Bernardi...” Massaranduba?... (Assovia) era uma vez... Passado algum tempo, já estava eu também “parlando” italiano. Na porta da loja, eu ber-rava, “tuao lo giorno” “entrate e comprate, freguedge; nom passate em comprate.”

SERAPIÃO — Ora isso falando instrangero.

CORIOLOANO — Virou carcamano tomém?

BERNARDO — Virei. Quando me perguntavam: “Como vi, hia-mate?” Eu respondia logo “mi chiamo Giovanni Berdardi”

SERAPIÃO — E como foi que você deixou o carcomano?

CORIOLOANO — (À parte) Vão vê qui foi argum istropiço.

BERNARDO — Ah, foi uma briga que tivemos

CORIOLOANO — (À parte) Eu num dixei...

BERNARDO — Cai na patetice de repetir uma história que me haviam contado sobre “Firmato, Cadorna” e o carcamano danou-se. Disse muita coisa, e terminou assim: “In conclusione, voi siete incorreggibile, amico mio...”

SERAPIÃO — O resto nós sabe. Fez aqui um instrupiço dos seis-cento, qui até o delegado apanhou, e foi ispurso da puliça a bem da moralidade...

BERNARDO — Foi mais ou menos, isso. (Com a continência) Dá licença que me retire?

SERAPIÃO — Pode í. (Bernardo vai a sair) Ói, (Bernardo pára). É perciso você rapá o bigode.

BERNARDO — Eu, seu coronel? Mais isto é que dá imponência ao militar...

SERAPIÃO — Num tem nada. Você e os outo sordado. Quero vê tudo de bigode rapado.

BERNARDO — Está bem seu coronel. (Sai E.)

CORIOLOANO — Bem, cumpade, eu vou chegando. Inté adispois.

SERAPIÃO — Inté adispois, cumpade. (Coriolano sai à D.)

Cena VIII

Serapião e Nastaça

NASTAÇA — (Entrando) Adonde tu andava, Serapião?

SERAPIÃO — (Voltando o rosto) (À parte) Vige Maria. É agora... (alto, atrapalhado, sem a olhar de frente) Eu andava... eu andava pur aqui mermo, Nastaça.

NASTAÇA — (Arremedando-o) Eu andava pur aqui mermo, Nastaça... (Noutro tom) O Cumpade Coriolano teve aqui?

SERAPIÃO — (Sempre sem a olhar de frente) Teve, Nastaça.

NASTAÇA — E tu proguntou cumo tava a cumade?

SERAPIÃO — Proguntei. Tá mió.

- NASTAÇA — Óia pra eu dereito, Serapião. Qui dimonho tu tem hoje?
- SERAPIÃO — Eu vou ali, Nastaça. Já vorto.
- NASTAÇA — (Com entonação autoritária) Venha cá. (Serapião pára) Ali adonde? (Pegando-o pelos braços) Óia pra eu dereito, traste rúm... (Mudando de entonação) Mas espere, (Depois de ajeitar os óculos, gritando) Serapião...!!
- SERAPIÃO — (Trêmulo) O qui foi, Nastaça?
- NASTAÇA — Qui diabo é isso, Serapião? Cadê o bigode?
- SERAPIÃO — Eu num sei, Nastaça. Eu acho c'o gato comeu. Ficou lá na cá do Zé Sibite.
- NASTAÇA — Eu num digo... Apois tu teve corage de rapá o bigode, homão sévergonha?
- SERAPIÃO — Isso num foi da minha cabeça não, Nastaça. Foi seu Madruga.
- NASTAÇA — Isso só pode tê sido da tua cabeça mermo discarado.
- SERAPIÃO — Tá dereito, papagáia come mio e piriquitc leva fama...
- NASTAÇA — Apois s'ele mandá tu pelá a cabeça e as subranceia, tu pela tomem, camelo véi?
- SERAPIÃO — Óia, Nastaça, eu agora tou de riba na pulitica e é perciso tu tomem me arrespeitá.
- NASTAÇA — Qui arrespeitá. Eu arrespeito lá home sem báiba. Ora rapá o bigode esse desgraçado.
- SERAPIÃO — (Depois de tossir) Sinhóra, só se vê bigode hoj'im dia, nas camada inferior da sociedade.
- NASTAÇA — (Cantarolando) E você hoje vai mais é apanhá.
- SERAPIÃO — Deixa de tá dizendo besteira.
- NASTAÇA — (De mãos nos quadris) O que? (Arregaçando as mangas) Você qué apanhá aqui mermo? Diga. Qué?
- SERAPIÃO — Quero não, Nastaça. (À parte) Passou a queda de côipo... tou fóra.
- NASTAÇA — Vejum qui cara mais discarada...

Cena IX

Serapião, Nastaça e Ponciano

- PONCIANO — (Entrando da D.) Meu pai, fui ao barbeiro procurá-lo e o senhor já havia saído.
- SERAPIÃO — A Nastaça tá mais qui danada pru causo do bigode.
- PONCIANO — (Passando) Não vale a pena zangar-se por tão pouco.
- NASTAÇA — Apois num é um fim de mundo esse cabra véi de cara rapada...
- SERAPIÃO — Cabra véi não. Num caque munto não qui eu viro tu pulo avesso.

NASTAÇA — O quê? (Avança para Serapião e Ponciano intervém)

SERAPIÃO — Aguent'ela aí, Zoró.

NASTAÇA — Apois esse boio manso num qué arremetê...

SERAPIÃO — Ôi essa comparaça... Boio não.

PONCIANO — Nisso não há nenhum desar, meu pai. O boi é um símbolo. O símbolo da paciência. É a mais alta expressão desse belo predicado moral. Si às vezes muge, num fraco protesto contra o peso da canga, cumpre no entanto, resignadamente o seu fadário.

NASTAÇA — Quererá ensiná papagaio véi a falar? Isso nunc'há de passar do curruspaco papaco.

SERAPIÃO — Tu deixa de munta lorota. Eu ti dou um contra-vapô. Eu tenho muque. Ôi aqui o calango (7)

NASTAÇA — Calango... Isso num pode nem c'ua gata.

PONCIANO — Dona Anastácia...

SERAPIÃO — Apois inspromenta bichinha. (Nastaça quer avançar e Ponciano intervém) Aguent'ela aí, Zoró. (Noutro tom) Conheça, piranha... Agora tem hom'im casa.

PONCIANO — Meu pai.

NASTAÇA — (Para Ponciano) Deix'eu passá. É preciso dá um ensino nesse canaia.

PONCIANO — Tenha paciência, dona Anastácia.

SERAPIÃO — Afrox'ela Zoró. (Noutro tom) Não. Aguent'ai.

PONCIANO — Vamos acabar com isto.

SERAPIÃO — É essa véia feia.

NASTAÇA — (Enfurecida) Véia feia, cão ispritado. Quem é véia feia?

SERAPIÃO — Ai, qui dei nas cuias dos quiabos... (Cantarolando) Véia feia, véia feia, véia feia...

NASTAÇA — Vai pintiá macaco, idiota

SERAPIÃO — Apois vem cá, qui eu te pinteio. Vem. (Noutro tom) Aguent'ela aí Zoró (Noutro tom) Quem canta agora neste tarreiro é eu.

NASTAÇA — (De um fôlego) Cabra véi, servegonha, pelado...

SERAPIÃO — Ora pro nobis.

NASTAÇA — (De um fôlego) Trapo sujo, mulambo, sabugo de mio...

SERAPIÃO — Ora pro nobis.

NASTAÇA — Severgonha, patife, cachorro ispritado.

SERAPIÃO — Ora pro nobis. (Aparece Biloca)

(7) Músculo, biceps.

Cena X

Serapião, Ponciano, Nastaça e Biloca

BILOCA — O que é isto, meu pai?

SERAPIÃO — É ua ladainha, Biloca. Tua mãe tá tirando, e eu antonce tou arrespondendo.

NASTAÇA — Deixa te istá miserave. Deixa t'istá qui tu me paga.
(Para Ponciano) E esse paroara tomém me paga. (Entra em casa desesperada)

BILOCA — Que cousa triste.

SERAPIÃO — A língua de tua mãe é cuma um badalo de sino
(Sobe e espreita à porta)

PONCIANO — (Para Biloca, pegando-lhe nas mãos) E tu que so-fres, minha pobre irmã, com estas lutas constantes.

SERAPIÃO — (A porta) (A parte.) O dimonhe é quem entra. Tá c'o bote aimado... (Sai à E. B.)

Cena XI

Biloca, Ponciano e Anacleto

ANACLETO — (Entrando da D.) Vamicê sabe dizê si seu curuné Sarapião tá im casa?

PONCIANO — Deve estar. Pra que era?

ANACLETO — É um Kilograma qui eu truve.

PONCIANO — (Para Biloca) E aqui há telégrafo?

BILOCA — Não. Naturalmente veiu via Jaguaribe. (8)

ANACLETO — Vêi os coidado de seu capitão Melchide de Jaguaribe, e antonce ele mandou eu decretado, trazê. Ele dixê É o telégra tá cum atraso de quorenta e oito hora.

BILOCA — Deixe ver (Recebe e vai à porta) Papai...

NASTAÇA — (Dentro de casa) Tá não.

BILOCA — (Descendo) Meu pai não está, mas fica entregue.

ANACLETO — Seu capitão Melchide disse qui eu arrecebesse aqui o trabaio da viage...

BILOCA — Pois volte mais tarde.

PONCIANO — Eu tenho aqui vinte mil reis. Vá trocar.

BILOCA — Não. Deixa. Ele volta depois

ANACLETO — Apois tá dereito. (Sai D. B.)

Cena XII

Ponciano, Biloca e depois Bernardo

PONCIANO — O que dirá esse telegrama...

BILOCA — És curioso... Queres saber?... Posso abrí-lo (Abrindo-o)
Si sou eu quem os lê para o papai ouvir, (Depois de ler, admirada) Mas o que significa isto?

(8) Município/CE

- PONCIANO — O que é?
- BILOCA — Lê (Entrega-o)
- PONCIANO — (Lendo, em voz baixa) “Sigo. Mande condução Quixadá. (9) Zorobabel” (Fica como que aturdido)
- BILOCA — Como é que estás aqui e telegrafas de Fortaleza?
- PONCIANO — (Consigo mesmo) Era fatal...
- BILOCA — Explica-te, por Deus.
- PONCIANO — Biloca, eu não sou teu irmão.
- BILOCA — (Com espanto) Não és meu irmão?
- PONCIANO — Não. Insinuado pelo Madruga apresentei-me como tal...
- BILOCA — (Com sentimento) E o senhor não se envergonha de haver praticado uma ação tão vil? Não sente doer-lhe a consciência por haver abusado, miseravelmente, da confiança de uma família honesta?
- PONCIANO — Perdoa-me. Arrependo-me. Envergonho-me sinceramente. Mas ouve: sou só no mundo. Perdi meus pais quando criança e fiquei entregue ao meu próprio destino, como um cão ao abandono. Sem ter uma pessoa amiga de quem recebesse conselhos, e a quem narrasse as minhas máguas, só encontrei na vida, máus companheiros, cujos exemplos perniciosos me infiltraram o tóxico da perdição...
- BILOCA — Oh, meu Deus... Sinto a razão fugir-me.
- PONCIANO — Vendo-te, porém, conhecendo-te de perto, todos os sentimentos bons se me despertaram n’alma. E eu comecei a adorar-te, e eu comecei a amar-te, como se ama uma só vez na vida...
- BILOCA — E o senhor tem coragem de falar em amor...
- PONCIANO — Quero-te ardentemente. Só em fitar-te, sinto uma emoção profunda. Só em pensar que podes porventura pertencer a outro, oh, sinto-me capaz de tudo. Ouves? De tudo Isto é amor? Nem o sei... É um desespero d’alma. Lutei comigo mesmo. Quis fugir de ti. Fugir para bem longe. Mas os teus encantos, a tua candura me atraíam. Amo-te.
- BILOCA — Pois eu não o amo, senhor. Nunca, estás ouvindo, nunca poderei amar a um homem sem escrúpulos.
- PONCIANO — (Em tom alto) Ah, basta... (Mais baixo) Basta. Cada palavra tua é um espinho que me atravessa o peito. Recebi o golpe em cheio... aqui... (Leva a mão ao coração). Vou partir. Vou volver ao meu mísero destino.
- BILOCA — Parta senhor. Parta. E deixe-nos em paz.
- PONCIANO — Ah, mas a tua imagem, a tua imagem adorada, de minh’alma jamais se apagará. Será a doce visão que me há de acalentar a vida. Porque eu te quero, com uma paixão que tu nem podes imaginar...
- BILOCA — Cale-se senhor. Nem mais uma palavra.

PONCIANO — Biloca...

BILOCA — (Canta)

Parta, senhor, sem mais demora.
É natural minha aversão,
Pois quem pratica um ato tal,
De certo, não tem coração.

PONCIANO —

Tu não podes, oh flor, avaliar a ardência
Desta paixão intensa que o meu peito invade...
Eu vou partir, mas levo o desespero n'alma.
Distante irei de ti carpir atroz saudade...

BERNARDO — (Aparece à E.) De mim não tens clemência oh meu amor. (Bernardo toca uma variação no flautim. Biloca retira-se e entra em casa).

PONCIANO — (Para Bernardo) O senhor está idiota?

BERNARDO — Não senhor. Mas aquilo estava tão bom, que só mesmo puxado a flautim.

PONCIANO — (Apontando à E.) Vá embora

BERNARDO — Eu vim falar com seu coronel...

PONCIANO — (Interrompendo-o.) Vá embora.

BERNARDO — (Saindo à E.) (À parte) 'stá gastado. (Sai à E.B.)

Cena XIII

Ponciano, Anacleto e depois Serapião

ANACLETO — (Entrando da D. B.) Seu curuné já tá'í?

PONCIANO — Não. Venha cá... (Anacleto aproxima-se) Sabe ler?

ANACLETO — Sei inhor não

PONCIANO — É analfabeto.

ANACLETO — De nascença.

PONCIANO — Mas sabe guardar conveniências...

ANACLETO — Sei inhor não.

PONCIANO — Pergunto si és discreto.

ANACLETO — Inhor não. Eu sou é Anacreto. Anacreto Sapi-ranga.

PONCIANO — Bem. Não vamos adiante. O que quero do senhor é que volte imediatamente para Jaguaribe-mirim, e não diga aqui a ninguém que trouxe aquele telegrama. É casado?

ANACLETO — Casado e munto bem casado. Casado duas vez. Casei cum ua muié na ingreja, ela fugiu c'o cabo do destacamento e eu... pan casei cum outa no incirvi. Ess'agora é mais moça do qui eu dizoito ano.

PONCIANO — (A parte) Deus dá nozes a quem não tem dentes. (Alto) Pois pega esses 20\$ para teus filhos.

ANACLETO — Ah, fio eu num tenho, inhor não. A premeira muié fugiu cum três mês de casada, e a segunda nunca me deu fio.

PONCIANO — Pois leva esse dinheiro para ela. E vai-te.
ANACLETO — Inhô sim seu capitão, munto brigado. (Sai à D.B.)
PONCIANO — (Só) E eu vou partir, com desespero n'alma.
SERAPIÃO — (Entrando da E. B.) (Para Ponciano) Cadê a Nas-
taça?
PONCIANO — Deve estar em casa. (Dirige-se à casa onde entra)
SERAPIÃO — (Só) O dimonhe é quem vai lá... (Houve-se discus-
são fora, à D.)

Cena XIV

Serapião, Maneco, Luzia e depois Madruga

MANECO — (Entra da D. discutindo com a mulher) Seu curuné
eu num posso mais agüentá essa muié nem a mãe dela.
LUZIA — Nem eu posso mais aturá esse home, seu curuné.
SERAPIÃO — Mais que qui eu tenho cum isso? Voceis, s'insfole
pur lá mermo.
MANECO — Nós qué qui vamicê assepare nós.
LUZIA — Há de assepará, mas eu quero pra cá o qui é meu.
MANECO — O qui é seu? E quê qui você tem lá?
SERAPIÃO — Mas qui diabo é isso? Deixem de baruío sinão eu
mando tocá todos dois no xilindró.
LUZIA — Seu curuné, ele dá n'eu cada beliscão. Seu curuné qué
vê as roncha?
SERAPIÃO — Eu lá quero vê nada.
MANECO — E ela deu um murro n'eu bem aqui im riba das apá.
CANUTO — (Entrando da E. B.) O que é isso, coronel?
SERAPIÃO — É essas duas criatura, marido e muié, qui só véve
brigando.
CANUTO — Pois se não querem mais viver juntos, procurem um
advogado e tratem do desquite.
LUZIA — E ele arreparte cum eu os pissuído?
MANECO — Qui pissuído...
LUZIA — Os gado, as terra...
MANECO — (Interrompendo-a) Eu lá arreparto coisa nenhuma?
SERAPIÃO — Qui diabo é isso? Num fale tudo a um tempo...
CANUTO — (Para o casal) São casados no civil?
MANECO — Inhor não. Só ingreja.
CANUTO — Pois perante Deus e os homens de consciência estão
realmente casados; mas, perante a lei uma vez que não
casaram no civil, cada um pode tomar o rumo que muito
bem entender. E a senhora não tem direito a cous'alguma
do que a ele pertence.
MANECO — (Para Luzia) Tá uvindo?
LUZIA — E os fio tem direito a alguma coisa?
CANUTO — Também a nada têm direito
MANECO — (Para Luzia) Tá uvindo?

LUZIA — Maneco...

MANECO — Ói

LUZIA — (Continuando) O mió qui nós faz é vortá pra casa e deixá de questão. Foi minha mãe qui meteu isso na minha cabeça.

MANECO — Eu logo vi... Apois eu posso cuntinuá a vivê mais tu, mais num quero vê mais aquela desgraça lá im casa.

LUZIA — Apois sim Maneco. E tu casa cum eu adispois no incirvi?

MANECO — Ah!... Iss'é o qui vai se vêsse... Eu agora só faço as coisa maginando muito.

SERAPIÃO — Vão imbora... S'accommode e deixim de baruió, qui isso, entre marido e muié, é munto feio.

MANECO — Apois adeus, seu curuné.

MANECO — (Sai dizendo à Luzia) Comigo agora é ali... (Sai com Luzia pela D. B.)

SERAPIÃO — (Para Canuto) Antonce a gente num casando no incirvi, num tá casado perante as lezes.

CANUTO — Não.

SERAPIÃO — Antonce eu tomém num tou casado home. E vou mandá a Nastaça percurá o rumo dela. Eu só casei na ingreja...

CANUTO — Não casou no civil?

SERAPIÃO — Inhor não.

CANUTO — Pois ainda que o coronel quisesse, hoje, casar com ela no civil, já não podia.

SERAPIÃO — Num podia?

CANUTO — Não senhor. O coronel não é tio dela?

SERAPIÃO — Sou.

CANUTO — Pois a nova lei não permite mais o casamento de tios com sobrinhas.

SERAPIÃO — Mió, home. Mió. Agora ou ela entra nos trios ou antonce... rua (Nastaça aparece) Lá vem ela.

Cena XV

Serapião, Canuto e Nastaça

NASTACA — Arrepete agora o qui dixeste indagurinha, arrepete. S'é home...

SERAPIÃO — (Arrogante) Agora eu digo é munto mais. Perante as lezes nós num tamo casado. Já se descobriu tudo.

NASTACA — (De mãos nos quadris) Nós num tamo casado inter nisso...

SERAPIÃO — Tamo o quê!... Nós casemo no incirvi?

NASTACA — Não. Proque eu mermo num quis.

SERAPIÃO — Pois a senhora, quano quizé pode arrumá a trouxa e tomá seu rumo. E é sem dereito a cous'argua do que é meu. Progunte aí a seu Madruça.

NASTACA — É insato isso, seu moço?

CANUTO — Infelizmente assim é. E nem podem mais casar no civil, porque a nova lei a isto se opõe. Passar bem. (Sai pela D.)

SERAPIÃO — Tá vendo? Agora vamicê tem qui me andá muito dêreitinho. Sinão eu dou um fóra. Poss'inté casá cum outra. (Ponciano sai de casa e desce a cena)

Cena XVI

Serapião, Nastaça, Ponciano e depois Biloca

PONCIANO — (De polainas malota à mão) Estou de partida meu pai.

SERAPIÃO — (Espantado) De partida?

NASTAÇA — (À parte) Há mais tempo (Sobe e entra em casa)

SERAPIÃO — Mais o qui é isso, Zoró. Apois tu qué abandoná a gente? Abandoná teu pai no fim da vida?... (Biloca aparece à porta)

PONCIANO — Assim é preciso, meu pai.

SERAPIÃO — Antonce tu num tem coração?

PONCIANO — (Triste) Tenho meu pai, (Com um suspiro). Tenho. Mas é preciso que eu parta. (Serapião entristecido, baixa a cabeça e enxuga uma lágrima)

BILOCA — (Que tem descido. Para Ponciano) Não partas. Consulte o coração, e... amo-te.

PONCIANO — Que ventura... (Para Serapião) Já não parto, meu pai.

SERAPIÃO — (Radiante) Munto bem, menino. Munto bem. Dá cá a malota qu'eu mermo vou guardá. (Toma a malota e entra em casa).

PONCIANO — (Tomando as mãos de Biloca) Então, amas-me?

BILOCA — Com todas as véras d'alma. Resta saber se meu pai consentirá no nosso amor, ao ter conhecimento do modo pouco dígno por que te introduziste em nossa casa.

PONCIANO — Deus há de proteger-nos. (Canta)

Formosa virgem de meus sonhos,
Por quem no peito, alvoroçado,
Palpita, em vibrações de amor,
Meu coração apaixonado. (Bis)

BILOCA —

Assim, cativa aos teus carinhos,
Que linda vida, sonho encantador...
Alegres, como os passarinhos
Nós viveremos, oh meu amor...

PONCIANO — (Voltando-se) Tu? Tu és como si não existisse.
CANUTO — (À parte) Canalha.
PONCIANO — Peço portanto a Biloca em casamento
SERAPIÃO — Mas eu num dou.
NASTAÇA — Mais nós num damos
SERAPIÃO — Pro sinhô num vim ingabelá a gente.
CANUTO — Aí, Bandeira. Ficaste a meio páo.
PONCIANO — Mas eu já a beijei.
SERAPIÃO — Já beijou ela?
BILOCA — (Baixo, a Ponciano em tom repreensivo) Oh... Não mintas.
PONCIANO — (Baixo a Biloca) É preciso (Alto) Beijei-a sim.
SERAPIÃO — Quantas vez?
PONCIANO — Foram dez... vinte... trinta... eu sei lá...! Nem tempo tive de contar.
BERNARDO — Ora quem vá contar beijos.
SERAPIÃO — Tá vendo Nastaça... qui desgraça. E agora?
NASTAÇA — Num casa porque eu num quero.
SERAPIÃO — Apois casa... Qui quem manda agora aqui sou eu.
PONCIANO — (A Serapião) Beijo-lhe as mãos agradecido.
BILOCA — (De olhos nos céus) Graças vos dou, meu Deus.
BERNARDO — Dona Biloca, interceda também por mim e a Balbina... qui eu estou aqui com a boca cheia d'água.
BILOCA — Capitão Coriolano.
CORIOLANO — Inhora...
BILOCA — Consinta no casamento do Bernardo com a Balbina.
CORIOLANO — Apois eu tomém num quero fazê fei — consinto. Ele é um tanto pancada, mas no fundo é inté bom rapaz.
BERNARDO — Opa! Esmagalhó-me capitão.
PONCIANO — Até que enfim, encontro um lar. E surge para mim a alvorada do amor.
CANUTO — E eu fiquei bigodeado.
BERNARDO — Madrugou tarde.
BILOCA — (Canta) —

Alvorada do amor,
Como tu és sedutora

Vozes femininas —
Com o seu fulgente resplendor

Vozes masculinas —
Com o seu fulgente resplendor

Vozes femininas —
É da ventura precursora

Vozes Masculinas
E da ventura precursora

Vozes femininas
De nossa alma espanca a dor

Vozes masculinas —
De nossa alma espanca a dor

Todos —
A alvorada do amor...

Fim do terceiro e último ato